

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CIÊNCIAS SOCIAIS

LETÍCIA CEOLIN SAVARIS

**Entre o sair e o permanecer: dilemas e desejos de jovens estudantes rurais**

Florianópolis

2023

LETÍCIA CEOLIN SAVARIS

**Entre o sair e o permanecer: dilemas e desejos de jovens estudantes rurais**

Trabalho Conclusão do Curso em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Amurabi Pereira Oliveira

Florianópolis

2023

Letícia Ceolin Savaris

**Entre o sair e o permanecer:** dilemas e desejos de jovens estudantes rurais

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 26 de Março de 2024

---

Prof. Dr. Eduardo Vilar Bonaldi  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Amurabi Pereira Oliveira  
Orientador - UFSC

---

Prof. Dr. Eduardo Vilar Bonaldi  
Avaliador - UFSC

---

Prof. Dra. Márcia da Silva Mazon  
Avaliadora - UFSC

Dedico este trabalho ao meu pai e a todos os jovens que potencializam a vida.

## AGRADECIMENTOS

### Agradeço

Ao meu pai, a quem dedico este trabalho, por ter feito correr em minhas veias o verde do campo, soar em meus ouvidos o cantar dos pássaros e percorrer junto a mim a estrada da vida.

A minha mãe, por plantar em meu coração a doçura das rosas e colher comigo uma história confeitada de amor.

Ao meu irmão, por colorir em mim a alegria de viver.

Aos amigos e amigas de Siderópolis e Criciúma, por serem porto seguro toda vez que chego e laço firme nas partidas.

Ao Einstein Floripa e todos os amigos que fiz no caminho, por transformarem minha primeira experiência docente com afeto e propósito, o nosso sonho se tornará realidade.

Aos amigos do bar e aos banhos de chuva, por inundarem meu corpo em êxtase.

À comunidade escolar rural de Siderópolis e aos jovens que entrevistei, por me receberem de braços abertos e me darem coragem.

A todos os professores e professoras que construíram minha jornada até aqui, por serem essenciais e fontes de inspiração.

Ao professor Amurabi, por orientar o processo de maneira tranquila.

A todos da Universidade Federal de Santa Catarina, por proporcionarem momentos únicos.

Às músicas que deixam minha caminhada mais leve e às cores que iluminam minhas decisões. À Cora e à Elis que tornam tudo mais bonito.

Obrigada por fazerem parte da minha história.

*“Viver é bom  
Partida e chegada  
Solidão, que nada”  
(Cazuza)*

## RESUMO

O presente trabalho dedica-se a compreender o desejo de partida ou permanência dos jovens no campo, questionando se estudantes do nono ano de uma escola municipal, localizada no ambiente rural de uma pequena cidade do sul catarinense, têm o desejo de sair ou de permanecer no campo após o fim dos estudos do ensino fundamental nesta região, e se esse desejo prevalece como planejamento de vida futura. Para isso, além da revisão bibliográfica, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com esses estudantes, buscando quais condicionantes sociais, como gênero, família, escola e trabalho, influenciam em suas relações com o meio rural e com as motivações para sair ou permanecer nele. A análise das vontades desses alunos se deu articulada à literatura sobre a construção social da juventude e as implicações da ruralidade nas vivências dos jovens rurais, relacionando-a com a teoria do Ator Plural, de Bernard Lahire (2002), a fim de captar esses agentes como socializados em mundos sociais plurais, com princípios de socialização heterogêneos, levando em consideração, então, o contexto da pesquisa e as ligações que existem entre os jovens em questão.

**Palavras-chave:** migração; permanência; juventude rural; educação.

## ABSTRACT

The present work is dedicated to understanding the desire for departure or permanence among young people in rural areas, questioning whether the ninth-grade students at a municipal school, located in the rural environment of a small city in southern Santa Catarina, Brazil, have the wish to leave or remain in the countryside after completing their fundamental education in this region, and whether this desire prevails as a plan for their future lives. For this, in addition to the bibliographic review to the literature review, semi-structured interviews were conducted with these students, seeking for what social conditions, such as gender, family, school, and work that influence their relationships with the rural environment and their motivations to leave or stay. The analysis of the wishes of these students was articulated with the literature on the social construction of youth and the implications of rurality in the experiences of rural young people, relating it to the Bernard Lahire's Plural Actor theory (2002), in order to capture these individuals as socialized in plural social worlds, with heterogeneous socialization principles, taking into account, then, the context of the research and the connections that exist among the young people in question.

**Keywords:** migration; permanence; rural youth; education.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>DESENVOLVIMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>19</b>
O ator plural.....	19
A Juventude.....	22
O Rural e o Urbano.....	25
A Juventude Rural e seus dilemas.....	29
<b>RESULTADOS.....</b>	<b>35</b>
As Famílias.....	37
A Escola.....	42
O Lazer.....	51
O Trabalho e O Futuro.....	53
Sair ou Permanecer?.....	57
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

A juventude rural é constantemente associada à migração do campo para a cidade, sendo que a decisão de “ficar” ou “sair” do meio campeiro atrela-se a diversas condições sociais pertinentes. Então, a fim de compreender a questão do desejo de partida ou permanência dos jovens no campo, a pesquisa partirá da pergunta: os alunos do nono ano de uma escola municipal, localizada no ambiente rural de uma pequena cidade do sul catarinense, têm o desejo de sair ou de permanecer no campo após o fim dos estudos do ensino fundamental nesta região? Esse desejo prevalece como planejamento de vida futura? Para respondê-la, além de ouvir os próprios estudantes e levar em consideração suas ambições, será necessário abordar outras questões que expliquem as condições sociais que esses jovens estão inseridos, como a família, a escola e o trabalho, por exemplo, já que os esquemas socialmente pertinentes dependem dos contextos sociais (micros situação social, configuração social, universo social específico, campo...) nos quais se realizam (Lahire, 2002). Também, durante os questionamentos, perceberá se essa vontade se perdura como projeto futuro de vida adulta, uma vez que a escolha de estudar em uma cidade maior ou continuar o ensino médio no município de origem podem influenciar nas decisões profissionais, e a moradia no campo pode ou não se configurar como uma possibilidade.

A escola cujo trabalho será desenvolvido situa-se na zona rural de Siderópolis, município sul catarinense com 13.714 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. A cidade pertence à Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), visto que o Plano de Desenvolvimento da AMREC apresenta, dentre as potencialidades existentes no local, o turismo rural, a agroindústria, a avicultura e a agricultura familiar como pontos fortes na cidade, revelando a influência de sua área rural na economia e turismo regional. O município pertence à microrregião de Criciúma, cidade com 214.493 habitantes (IBGE, 2022), e por ser considerada a região intermediária e imediata de Siderópolis, muitos dos habitantes desta têm um vínculo cotidiano com aquela para acessar serviços mais complexos, sendo então Criciúma uma cidade com maiores características urbanas e com potencial de receber migrantes dos municípios vizinhos, incluindo os estudantes da escola pesquisada, que por vezes optam em concluir o Ensino Médio, fazer uma faculdade e/ou trabalhar no território cricumense.

A instituição de ensino da pesquisa, além de pertencer à área rural, é de sede administrativa municipal e abrange as etapas de Ensinos Infantil e Fundamental I e II. Por não possuir o Ensino Médio, os alunos devem se deslocar a outra escola para concluir tal etapa, de

forma que a escolha pode se dar no centro de Siderópolis ou, ainda, em alguma instituição de Criciúma, devido à oferta do transporte escolar intermunicipal gratuito para os estudantes e ser o local com características urbanas mais próximo. Isso não impede o aluno de optar por estudar em alguma outra cidade, mas, tendo em vista o contexto a qual estão inseridos, é maior a probabilidade de permanecer em Siderópolis ou decidir frequentar uma escola de Criciúma. Assim, a pesquisa será feita com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, questionando onde o aluno irá cursar (e se irá cursar) o Ensino Médio e o desejo de permanecer ou de sair do campo após finalizar os estudos.

Sabendo-se das possibilidades de estudo em Siderópolis ou em Criciúma, vale ressaltar os dados que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e o Censo Escolar de 2021, data com informações publicadas mais atualizadas, trazem sobre a situação educacional das duas localidades, verificando posteriormente as diferenças entre as escolas do campo e das áreas urbanas, e se isso influencia no desejo dos jovens de sair ou não da área rural. Para isso observamos, entre as escolas públicas de cada cidade, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação) - o indicador de aprendizado varia de 0 até 10 e quanto maior, melhor -; o Indicador de Fluxo, que mostra o nível de aprovação das escolas (quanto maior o valor, maior a aprovação); e o Indicador de Aprendizado, que apresenta a porcentagem de alunos com o aprendizado adequado.

As instituições de ensino públicas de Siderópolis possuem um Ideb de 5,5 pontos nas turmas de Anos Iniciais (sendo 6 pontos na escola rural pesquisada) e 4,6 pontos nos Anos Finais (sendo 5,3 o da escola rural pesquisada). O Indicador de aprendizado dos Anos Finais é de 4,96, enquanto o Indicador de Fluxo é de 0,93 (ou seja, a cada 100 alunos 7 não foram aprovados). O Inep não apresenta dados do município para o Ensino Médio em 2021 (a cidade possui apenas uma escola pública com Ensino Médio regular). A cidade possui uma escola particular que fornece o Ensino Médio, que também pode ser uma opção para finalizar os estudos apresentada pelos estudantes.

Já Criciúma possui 15 escolas públicas com Ensino Médio regular; Ideb de 5 pontos nos Anos Finais e 3,9 no Ensino Médio; Indicador de Aprendizado de 5,32 nos Anos Finais e 4,92 no Ensino Médio; Indicador de Fluxo de 0,95 nos Anos Finais (a cada 100 alunos 5 não foram aprovados) e 0,79 no Ensino Médio (a cada 100 alunos 21 não foram aprovados). Além disso, a distorção idade série no nono ano das escolas públicas é de 17,5 (a cada 100 crianças, aproximadamente 18 estavam com atraso escolar de 2 anos ou mais). Com essas informações

percebe-se que Criciúma possui maior quantidade de instituições, mas os resultados dos indicadores não têm diferenças exuberantes em relação aos da cidade pesquisada. Assim, os motivos que levam os alunos a desejarem estudar na região criciumense podem se ancorar mais por outros fatores, como atração do jovem pelo meio urbano, ou pelo estilo de vida citadino (Carneiro, 1998; 2005); o envelhecimento da população rural; a saída recorrente das jovens e a consequente masculinização da população do campo; as demandas por atividades de lazer; demandas por acesso à renda e os processos de sucessão (Kummer; Colognese; 2013), por exemplo.

“Ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria jovem é construída, e seus significados, disputados (Castro, 2009) e, como a pesquisa será realizada com alunos do 9º ano, torna-se fundamental voltar o olhar para essas pessoas que vivem a experiência do meio rural como jovens. Ou seja, se identificam ou são assim identificados, na medida em que, como afirma Castro (2009, p. 189)

[...] esta experiência não é linear e nem homogênea, e ocorre em diferentes planos. Ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão, em um contexto ainda marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar (Castro, 2009, p. 189).

Assim, além de voltar a atenção para a literatura sobre juventude e como esta se constrói socialmente, sabendo que a realidade social demonstra a não existência de somente um tipo dessa categoria, mas sim de grupos juvenis a constituírem um conjunto heterogêneo (Abramovay, Esteves, 2008), também é essencial compreender a situação do jovem rural para além da relação de hierarquia social presente entre o jovem e a geração mais velha, considerando a complexidade da ruralidade na definição dessa juventude, a qual sofre o “duplo enquadramento” (Castro, 2019) ao sentirem o estigma sobre o mundo rural e as consequências dessa desvalorização no espaço urbano, e no campo serem deslegitimizados pelos adultos, por pertencerem a um círculo considerado urbanizado demais.

Essa heterogeneidade da categoria jovem e jovem rural esboça a pluralidade dos hábitos e de seus desencadeadores circunstanciados dentro de um mesmo contexto (Lahire, 2002), esboçando uma análise dos resultados a partir da definição do ator que se revela plural e diferente segundo os domínios de existência nos quais é socialmente levado a evoluir, de Bernard Lahire, tomando como norte a ideia de que a juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade” (Castro, 2009) em busca dos fatores sociais levam à consequência do êxodo ou não.

Assim, a pesquisa centrou-se no fato de que os pesquisados, caso queiram e sejam incentivados a terminarem o Ensino Médio, deverão escolher uma nova escola para estudar, o que implicará em uma relação com as escolas do centro da pequena cidade ou com as da cidade vizinha, que possui mais características urbanas. Mas não apenas isso, também perceberá se a vontade de ficar ou sair está nos planos de projeto de vida futura e quais os motivos a impulsionarem a migração ou permanência, analisando a escolha dos indivíduos a partir das condições de reprodução social da família e de autonomia do jovem, sabendo que, como mostram Kummer e Colognese (2013, p. 217), “entre ficar e partir atuam muitas variáveis. Mesmo porque, partir ou ficar não são alternativas sem volta. São apenas possibilidades atualizadas a cada ponto da trajetória destes jovens rurais”. Além do mais, vale ressaltar a importância da influência familiar nessa decisão, por constituírem um núcleo onde o jovem encontra um referencial à disposição (Kummer e Colognese, 2013), fazendo com que a decisão seja tomada, muitas vezes, junto aos pais.

Analisar sociologicamente as circunstâncias que levam os jovens a saírem ou permanecerem no ambiente rural permitirá perceber o impacto de questões estruturais sobre as agências dos indivíduos. Assim, estudar a relação dos alunos com o mundo do trabalho é essencial para compreender esse impacto, tendo em vista a probabilidade de muitos deles já terem se inserido nesse meio, seja ajudando a família nas atividades agrícolas ou trabalhando na cidade, sabendo-se que o perfil dos estudantes da escola varia entre filhos de agricultores e moradores do centro que estudam na zona rural. A já inserção no trabalho, além de poder influenciar na evasão escolar dos alunos, demonstra se os filhos de agricultores serão sucessores do trabalho dos pais, e qual a pertinência disso na vontade de permanecer na roça<sup>1</sup> ou sair em busca de novos horizontes, como expõe Valadares et. al (2013), ao afirmar que uma das razões presentes na decisão de ficar no rural é a luta pela reprodução do modelo da agricultura familiar, contra o “esvaziamento do campo”. Em contrapartida, existe o movimento de inserção em atividades urbanas, principalmente pelas mulheres, as quais geralmente investem mais na educação comparado aos rapazes, na intenção de se prepararem para um emprego típico da cidade.

Essa observação mostra como trabalho rural torna-se relevante no cotidiano desses jovens, conforme exposto por Kummer e Colognese (2013, p. 208), ao afirmarem que:

A especificidade sociológica dos jovens agricultores familiares deve-se a sua socialização no processo de trabalho familiar agrícola que os difere de outros

jovens do meio urbano, ou mesmo do meio rural, que não exercem<sup>1</sup> esta atividade. Assim, as relações sociais que conferem sentido e especificidade aos jovens na agricultura familiar estão assentadas na posição ocupada por eles na divisão social do trabalho como agricultores familiares (Kummer, Colognese 2013, p. 208)

Há, então, a importância de trazer a análise de gênero para a pesquisa, tendo em vista que a vida no campo é mais atrativa para homens que para mulheres, podendo influenciar no desejo de êxodo ou não, dado que:

Constata-se que os rapazes acompanham o pai nas atividades, consideradas “produtivas” (ativas). Os rapazes vivem uma submissão relativa perante o pai. As moças geralmente acompanham a mãe nas atividades, consideradas organizativas (passivas), vivendo uma submissão total. É uma dupla submissão. Primeiro, pela autoridade etária em relação à mãe e segundo, uma autoridade de gênero em relação ao pai ou aos irmãos do sexo masculino. (Kummer, Colognese, 2013, p. 213)

Além do trabalho e do gênero, a família é um importante fator na decisão dos jovens de ficar ou partir, principalmente na mudança de escola e, futuramente, nas decisões para a vida adulta. Assim, compreende-se o papel da instituição familiar não apenas na transmissão de bens materiais aos mais novos, mas também de visões de mundo, concepções de trabalho, um código moral, uma ideia sobre o futuro, numa dinâmica objetiva e subjetiva com vinculação direta com uma crescente abertura do próprio espaço social rural (Valadares, et. al, 2016). Então, a família é essencial no processo de escolha, incentivando a permanência no campo ou a partida, tomando junto aos filhos a decisão de qual instituição estes continuarão os estudos do Ensino Médio ou influenciando no âmbito do trabalho.

Outra contribuição interessante é a possível quebra do senso comum de que, na dicotomia campo versus cidade, o rural é o “atraso” e a cidade representa o moderno, o local para onde os jovens naturalmente querem ir (Valadares, et. al, 2016). O desejo de permanecer desmentiria essa noção, e podem existir outros fatores que levam à vontade de partir não relacionados à visão estigmatizada.

---

<sup>1</sup> A palavra "roça" pode conter diferentes significados dependendo do contexto cultural e social a qual é empregada, incluindo seu uso de maneira pejorativa. Entretanto, aqui ela se relaciona com a ruralidade e o modo de vida no campo.

Também, havendo estudantes residentes da região urbana da cidade matriculados no colégio da área rural, será importante verificar os motivos que levaram eles a essa escola e quais suas perspectivas sobre o campo.

Por fim, durante a pesquisa e a coleta de informações, surgirão olhares sobre a relação do campo com a área central do município de Siderópolis. Motivos para partir ou ficar podem ser justificados pela eficiência ou não de políticas públicas, como as de acesso à transporte público que transite entre campo e cidade e as de condições de infraestrutura, por exemplo, dando condições de verificar o que caminha em prol dos moradores do campo e o que pode ser implementado para melhorar possíveis situações indesejadas. Assim, a pesquisa deseja compreender a situação do município e como os jovens estudantes do campo se fazem presente nele, além das situações que influenciam suas ações, ampliando o olhar sobre a juventude rural e a educação no campo da cidade, mas também acrescentando na literatura sobre os aspectos que levam essas pessoas a partirem ou permanecerem no meio rural.

## METODOLOGIA

Para a execução da pesquisa, os dispositivos metodológicos devem observar diretamente ou reconstruir indiretamente a variação dos comportamentos individuais, de acordo com o contexto social (Lahire, 2002). Assim, a realização de entrevistas semi-estruturadas foi essencial para captar tanto as diferenças quanto as constantes que levam os jovens em questão a quererem sair ou permanecer no meio rural após finalizarem os estudos na escola em que estão matriculados, e se esse desejo de perdura como projeto para o futuro. A partir de perguntas feitas em encontros individuais com os pesquisados, compreendeu-se os graus de heterogeneidade ou de homogeneidade nos esquemas incorporados pelos atores, julgando quais destes são transferíveis ou não de uma situação para outra.

A escolha de analisar uma escola de Siderópolis se deu pela minha proximidade com o objeto. Cresci no município, e mesmo sem ter estudado em uma instituição de ensino na região rural nem morado diretamente na roça, durante minha trajetória escolar convivi com colegas do campo e as trocas de experiências entre o rural e urbano sempre chamaram minha atenção, ainda que eu tenha somente me dado conta desse fato agora, mergulhando de fato na pesquisa. Além disso, meus pais cresceram trabalhando no campo, e embora eles tenham se afastado do rural como local de atividade econômica, passar o fim de semana no sítio, como forma de lazer e descanso, fez parte da minha trajetória.

Completei o ensino Fundamental I em Siderópolis e decidi, juntamente aos meus pais, concluir o ensino básico em uma escola técnica de Criciúma. E foi por conta do ingresso na Universidade que me mudei para Florianópolis, uma cidade ainda maior. O trânsito entre o campo e a cidade durante toda minha vida, o caminho entre uma pequena cidade para uma maior diariamente durante a trajetória nos ensinos Fundamental II e Médio e a mudança de morada para a capital catarinense por conta da faculdade foram marcas em minha história. Ou seja, a questão da presente pesquisa está ligada a minha própria jornada, principalmente ao passo que, atualmente, me vejo no dilema de decidir onde construir minha vida profissional.

Esse contato íntimo com a temática torna-se determinante ao delimitar como objetivo entender os dilemas de ficar ou partir dos jovens conterrâneos meus, mantendo uma relação com o objeto, presente em pesquisas sociológicas, como explicitado por Bourdieu, Chamboredon, Passeron (1999, p. 24):

[...] no momento da observação ou experimentação, o sociólogo estabelece uma relação com o objeto que, enquanto relação social, nunca é puro conhecimento, os dados apresentam-se-lhe como configurações vivas, singulares, e, em poucas palavras, humanas demais, que tendem a se impor como estruturas do objeto (Bourdieu, Chamboredon, Passeron, 1999, p. 24).

Isso demonstra que o pesquisador participa sempre da importância e do valor que são comumente atribuídos ao seu objeto (Bourdieu, 1998). Porém, além da proximidade pessoal com a temática influenciando na escolha do agente, pesquisar a juventude rural e sua relação com a vida no campo despertou-se também pela busca da necessidade de considerar a ruralidade definida culturalmente por atores sociais que desempenham atividades heterogêneas, e não mais como uma realidade empiricamente observável, mas como uma representação social (Carneiro, 1998). Por isso, as entrevistas serão realizadas com os jovens estudantes de uma escola rural da cidade onde cresci, em busca de compreender seus desejos de sair ou permanecer no campo para finalizar os estudos do Ensino Médio, e se essa vontade se perdura como projeto de vida futura.

Os entrevistados são seis dos vinte e dois alunos do nono ano de uma escola rural municipal de Siderópolis, a pequena cidade sul catarinense. A direção da instituição cedeu uma manhã de aula para que os estudantes participassem da conversa, estimada com até uma hora de duração. Realizar as entrevistas dentro da escola, em momento de aula, foi importante para a conciliação dos meus horários com o dos entrevistados, visto que ambos possuem trabalho ou outras atividades nos momentos extra curriculares. O prazo para a realização da pesquisa também contribuiu para a escolha da amostra dos pesquisados, já que, sabendo-se do



tempo restrito, a quantidade de seis estudantes já mostrou-se necessária para compreender o contexto social e econômico da turma, e qual a implicação destes e de outros condicionantes sociologicamente relevantes no desejo dos alunos de sair ou ficar no meio rural. Ressalta-se que as entrevistas ganham sentido no contexto da pesquisa, relacionando-se entre si e liberando pontos de vistas, no qual cada entrevistado expressa, nessa interação particular, uma visão singular (Beaud, Weber, 2007) e, pela intensidade de informações buscadas em cada conversa, o critério do número de entrevistas importa menos que o de associar as entrevistas à observações de campo e análises bibliográficas sobre o tema.

O primeiro momento empírico foi marcado pela conversa com os responsáveis pela direção da instituição. O contato iniciou-se por mensagens de texto, marcando em seguida uma reunião presencial, na própria escola, para a decisão de como as entrevistas seriam realizadas. Desde o começo a diretora e as professoras que conversei mostraram-se solícitas e interessadas no trabalho, alegando que este seria importante para a região e para os próprios estudantes. Por isso, houve a proposta da própria comunidade escolar de realizar as entrevistas em horário de aula, marcando-as para a próxima semana, em uma manhã na qual os jovens não teriam atividades avaliativas, alegando a ocasião como valorosa no aprendizado e reflexão dos estudantes entrevistados.

Ao encontrar com o corpo docente da escola, deparei-me com minhas primeiras professoras, o que provavelmente colaborou para um maior sentimento de segurança durante o processo de agendar e realizar as reuniões. O encontro com os membros da instituição foi tranquilo desde o início, além de que a praticidade da comunicação colaborou com o curso da pesquisa. Neste momento, a diretora da escola mostrou a lista de chamada do nono ano, e assim separamos os estudantes que moram na zona rural e os que moram na área urbana (mas estudam ali), para que as entrevistas abrangessem as duas realidades, compreendendo a diversidade da turma, atingindo tanto alunos do bairro como alunos do centro da cidade. Após isso, selecionamos aleatoriamente, para que houvesse a menor influência enviesada da diretora, que já conhece os estudantes dentro de cada grupo, os que seriam entrevistados. Pelo fato de, na turma de nono ano, muitos alunos serem do centro da cidade mas estudarem na área rural, foram selecionados três alunos da região urbana e três que já vivem no campo.

No dia marcado para a conversa, os alunos foram individualmente retirados da sala de aula para conversar comigo, na sala dos professores, em um momento cujo os docentes não estavam utilizando, permitindo que ficássemos a sós, processo fundamental para que não houvesse interferência de outros membros da escola no horário das entrevistas. Estimou-se até uma hora para cada reunião, e a escola disponibilizaria outro dia previamente marcado

para finalizar caso necessário. Porém, a maior parte dos alunos se mostrou tímida e trouxe respostas curtas, fazendo com que as conversas durassem cerca de quinze a trinta minutos, e todos os alunos participassem no mesmo dia. Entretanto, mesmo com as entrevistas mais rápidas que o planejado, todos os entrevistados participaram e trouxeram respostas reveladoras acerca dos condicionantes sociais que os levam a desejar sair ou permanecer no campo.

Semi-estruturadas, as entrevistas descrevem situações detalhadamente, com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos (Goldenberg, 2011). Com isso, algumas perguntas que mapeiam questões socioeconômicas e a relação dos jovens e suas famílias com a escola, com o meio urbano e rural e com suas vivências juvenis enquanto estudantes do campo foram pré-elaboradas. Porém, esses questionamentos serviram para nortear o que se seguiu como conversa, acompanhando a exposição das singularidades do ponto de vista dos entrevistados, analisando-os como um caso e restituindo a coerência do mesmo (Beaud, Weber, 2007).

Tais entrevistas se fazem importantes quando há essa preocupação de minimizar as totalidades homogêneas para, então, considerar as diferenças internas, captando a diversidade das influências socializadoras, das disposições sociais, dos gostos ou competências individuais (Lahire, 2004). Articulando com a teoria do “ator plural” de Lahire (2002), percebe-se que cada pesquisado está mergulhado, ao mesmo tempo ou sucessivamente, em vários grupos que não são homogêneos nem imutáveis, e a partir das conversas pode-se assimilar os processos que os levam a agir como agem. Mas é essencial destacar que:

Isso não significa que se tenha de privilegiar a contradição em vez da coerência, a heterogeneidade em lugar da homogeneidade, mas apenas que se deve evitar permanecer cego e surdo às dissonâncias ou às heterogeneidades, sempre que elas existirem, por hábito interpretativo de forçar um pouco os traços e eliminar o que não interessa (Lahire, 2004, p. 44).

Além dos diálogos que lidam com o que cada pessoa entrevistada deseja revelar ou ocultar e com a imagem que ela quer projetar de si e dos outros (Goldenberg, 2011), é fundamental articular os resultados com a literatura já existente sobre a temática, buscando convergências e divergências com o que já foi estudado para compreender a realidade do cenário da pesquisa. Ainda, a revisão teórica terá como base as ideias sobre o “ator plural” postas por Bernard Lahire, o qual compreende que todos os atores não são feitos todos pelos mesmo moldes, observando, então, a presente heterogeneidade das realidades de cada um,

mas sem cair “numa espécie de empirismo radical que captaria apenas uma pulverização de identidades, de papéis, de comportamentos, de ações e de reações sem nenhuma espécie de ligação entre eles” (Lahire, 2002, p. 22). Isso permitirá a percepção da pluralidade interna dos jovens, mas também analisar quais aspectos homogeneizadores estão presentes no comportamento dos mesmos.

## DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

### **O ator plural**

Ao elaborar sua teoria da ação, Bernard Lahire conceitua o Homem Plural como aquele que se revela desta forma em um mundo social com princípios heterogêneos de socialização. O autor critica as generalizações abusivas das diferentes teorias da ação, e entende que estas possuem dois pólos: o da unicidade do ator e a sua fragmentação interna, como explica ao expor que

[...] por um lado, se está a procura de sua visão do mundo, de sua relação com o mundo ou da ‘fórmula geradora de suas práticas’ e, por outro lado, admite-se a multiplicidade dos conhecimentos e do saber-fazer incorporados ou incorporáveis, das experiências vividas, dos ‘eus’ ou dos ‘papéis’ incorporados pelo ator (repertório de papéis, estoque de conhecimentos, reserva de conhecimentos disponíveis... ). Nos dois casos, porém, a escolha da unicidade ou da fragmentação dá-se a priori; ela constitui um postulado não discutido e funda-se, em certos casos, mais sobre pressupostos éticos do que em constatações empíricas. (Lahire, 2002, p. 17)

Ao refletir sobre as diversas teorias da ação social, argumenta que sistemas de disposições homogêneos e coerentes ocorrem somente em contextos históricos muito particulares, sendo assim, os achados científicos não podem ser generalizados. Para ele, tais teorias seguem duas tendências, sendo uma delas as que atribuem um peso decisivo ao passado do ator, e a outra relaciona-se com a descrição e análise de uma ação ou interação sem se preocupar com o passado dos atores. Assim, entende que a articulação entre o passado e presente faz sentido somente quando “passado” (incorporado) e “presente” (contextual) são diferentes, e “a articulação toma-se particularmente importante quando os próprios ‘passado’ e ‘presente’ são fundamentalmente plurais e heterogêneos” (Lahire, 2002, p.47).

Ao analisar os atores plurais, o “presente” possui maior peso para a explicação de suas ações, já que quando socializados em situações homogêneas, suas relações com novas

situações podem ser previsíveis. Entretanto, quando esses atores são produtos de modos de vida sociais heterogêneos, a lógica da situação presente desempenha o papel de reativar parte das experiências passadas incorporadas. Por um lado, significa encontrar as variáveis que melhor explicam as diferentes experiências ativadas dos casos estudados, e criam as diferenças em tais casos. Por outro, é necessário determinar o indicador mais adequado dos contextos favoráveis ou não da ativação dos esquemas.

Dialogando com diferentes autores, principalmente com o pensamento bourdieusiano, Lahire (2002, p. 25) trata homogeneidade como uma exceção histórica ao invés de um caso comum, ao argumentar que:

[...] os indivíduos só podem ter disposições sociais gerais, coerentes e transponíveis de uma esfera de atividade a outra ou de uma prática a outra, se - e somente se - suas experiências sociais forem sempre governadas pelos mesmos princípios (Lahire, 2002, p. 25).

Ele destaca que não há evidências empíricas para confirmar a homogeneidade do mundo social, sendo que o ator não é socializado por uma única forma geradora, mas sim em mundos sociais plurais com princípios de socialização heterogêneos e, até mesmo, contraditórios. Assim, uma disposição, produto incorporado por uma socialização (implícita ou explícita) passada, que se constitui através da duração,

só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes ou contraditórios, da atividade do indivíduo estudado, sejam eles produto da observação direta dos comportamentos, do recurso ao arquivo, ao questionário ou entrevista sociológica (Lahire, 2004, p. 23).

É considerando informações sobre o comportamento, ação e reação do ator que o sociólogo busca formular o princípio que origina tais atos.

As transferências e transposições dos esquemas de ação ocorrem no interior de cada contexto social, sendo o ator plural aquele que

[...] incorporou muitos repertórios de esquemas de ação (de hábitos) que não são, obrigatoriamente, produtores de (grandes) sofrimentos na medida em que podem coexistir pacificamente quando se exprimem em contextos sociais diferentes e separados uns dos outros, ao conduzir apenas a conflitos limitados, parciais, em tal ou tal contexto, em tal ou tal domínio da existência. (Lahire, 2002, p. 41)

Os diferentes comportamentos observados de um contexto a outro seriam produto da refração de um mesmo sistema de disposições em contextos distintos. Quando abusivamente generalizadas, as noções de transferência se tornam obstáculos na compreensão dos processos

observados no mundo social. Portanto, “todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios que incorpora” (Lahire, 2002, p. 31), sendo a homogeneidade mais incomum de se observar que atores individuais portadores de hábitos heterogêneos e, até mesmo, opostos e contraditórios. O autor exemplifica isso com suas próprias pesquisas sobre o comportamento escolar na escola elementar (Lahire, 1995d), as quais encontra importantes variações de ações em função das cenas consideradas, indicando a ativação de disposições sociais diferentes conforme o contexto observado:

Numa espécie de dinâmica de grupo proposta aos professores da segunda série do ensino fundamental pediu-se que atuassem de modo sistemático cada aluno seu do ponto de vista de categorias escolares de percepção (calmo/agitado; atento/distraído...). Às vezes coletamos respostas contraditórias, provocamos uma espécie de micro conflitos de avaliação proveniente da percepção de vários contextos escolares. Os professores que, tacitamente, ancoravam no âmbito da sala de aula e do tempo estritamente pedagógico suas avaliações e apreciações, não encontravam nenhum problema especial na realização dessa tarefa. Em compensação, quando certa variedade de micro contextos escolares ou de tipos de interação escolar eram levados em conta pelos professores, a dificuldade da classificação podia tornar-se insuperável (Lahire, 1995d, p. 62).

Então, Lahire defende que o presente tem mais peso que o passado ao explicar os comportamentos dos atores que são plurais, sendo que, quando socializados em condições homogêneas e coerentes, possuem relações previsíveis com novas situações. Porém, ao passo que esses indivíduos são produtos de formas sociais heterogêneas, a lógica do cenário presente possui papel central para reativar parte de experiências passadas incorporadas. Assim, percebe-se que o passado se evidencia de maneira diferente segundo a configuração do presente, que define o que pode ser atualizado do passado incorporado.

Metodologicamente, é preciso comparar as práticas de um mesmo ator em universos sociais distintos (como o trabalho; vizinhança; família; igreja; etc.) e diferenciar as situações nesses próprios domínios. Lahire destaca que:

É frequente que os sociólogos estudem os comportamentos dos atores no âmbito de um só domínio de atividade (sociologia da família, sociologia da escola, sociologia do trabalho, sociologia da religião...). Então o ator está situado numa só e única cena social. Conforme o caso, é um assalariado, um

aluno, um pai de aluno, um pai ou uma mãe de família, um marido ou uma esposa... (Lahire, 2002, p. 202).

Por isso a importância de, ao estudar o mundo social, analisar os variados tipos de ator e de ação, sendo que não existe um único modelo de ator, e sim variações históricas, sociais e geográficas do mesmo. Assim, Lahire acredita que não deve-se pretender a pertinência universal dos conceitos sociológicos, sendo que a teoria do ator plural orienta a pesquisa empírica, elaborando novos conceitos que podem ser progressivamente construídos. É a multiplicidade das pequenas contradições e das heterogeneidades comportamentais muitas vezes despercebidas que tentam manter a ilusão da homogeneidade e da unicidade dos atores.

## **A Juventude**

A leitura dos agentes como atores plurais possibilita analisar a juventude como categoria marcada pela multiplicidade, sendo então definida como uma construção social, de forma apontada por Esteves e Abramovay:

A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (Esteves, Abramovay, 2008, p. 21).

Assim, na sociologia, a juventude é uma categoria social (Groppo, 2017). Ela participa da estrutura social junto um coletivo de indivíduos com assemelhado grupo etário, mas também é uma categoria simbólica no imaginário social. Bourdieu (1983) mostra que as divisões entre idades são arbitrárias, as quais um mesmo conceito assume universos sociais distintos, afinal, o jovem age de maneira diferente conforme o contexto social e cultural a qual se insere.

Categoria que vai para além da idade, nota-se que o que é considerado “ser jovem” muda conforme o tempo e o espaço. Diversos grupos juvenis, cada um com suas particularidades, sofrem influências multiculturais e demonstram a existência de “juventudes” com pensamentos e ações comuns, mas muitas vezes contraditórios entre si (Esteves, Abramovay, 2008). Essa multiplicidade da cultura juvenil demonstra a complexidade entre o

dato biológico do que é ser jovem e o fator social dessa fase, já que o momento é vivenciado de diferentes formas pelos indivíduos, por questões de raça, gênero e condição socioeconômica, por exemplo, não sendo possível definir “juventude” em apenas um conceito específico, havendo a necessidade de observar o contexto que a categoria está inserida para compreender sua realidade.

Também é múltipla a forma como o jovem é visto socialmente, como afirmam Esteves e Abramovay (2008), ao explicarem uma das visões acerca da juventude configurada em dualista e maniqueísta, a qual entende que parte dessa categoria é tida como o “futuro da nação” enquanto outra é “atrasada” e “irresponsável”. Aqui, coloca-se no jovem a responsabilidade de garantir um futuro melhor, porém, de outro lado, precisam conviver com a desconfiança depositada neles pelos outros.

Outra visão posta pelos autores é a que enxerga a juventude de maneira adultocrata, ou seja, a partir da relação tensa entre os adultos e os mais novos, em função de,:

na medida em que as populações mais jovens são consideradas potencialmente capazes de contestar, transgredir e reverter a ordem estabelecida – ordem essa obviamente imposta pelo mundo adulto –, os mais velhos, no tratamento com as juventudes, na maioria das vezes lançam mão de estratégias e posturas essencialmente conservadoras, rígidas, denunciando o quão limitada é a sua aproximação com o universo juvenil. (Esteves, Abramovay, 2008, p. 26)

Além desse conflito geracional, a juventude é constantemente associada à ameaça social, colocando o jovem como risco tanto de sua própria integridade quanto da sociedade. Essas maneiras diversas de como a comunidade juvenil é vista socialmente também depende da condição social em que ela se insere, mas é nítido como a construção social da juventude é coberta de significados negativos, sendo muitas vezes rotulada como problemática, impactando nas decisões e no cotidiano dela, considerada nova demais para certas coisas e velha demais para outras (Bourdieu, 1983), trazendo consequências na relação que o jovem possui com as instituições sociais como a família e a escola.

Para Karl Mannheim (1982), é neste período da vida que o indivíduo vive experiências sociais recebidas de maneira consciente. O sociólogo observa a juventude como a fase em que

há uma vinculação experimental com a realidade e os valores sociais, contrastando com a maturidade, quando o indivíduo julgará novas

experiências sociais com base nestes padrões já sedimentados, de modo mais racional e reflexivo (Mannheim apud Groppo, 2017, p. 56).

Olhando para gerações, as quais dizem respeito não apenas a um grupo com mesma faixa etária, mas principalmente àqueles que vivenciam experiências semelhantes e processam informações de maneira parecida, Mannheim acredita que esse motivo faz o adulto se mostrar mais persistente às mudanças sociais, já que ao aceitá-las ele pode contestar suas próprias referências individuais e coletivas.

Existem diversas abordagens sociológicas sobre a juventude, mas é certo que elas consideram a existência de uma relação completa entre questões biológicas, de idades e transformações orgânicas, e questões sociais (Groppo, 2017). É reconhecendo, socialmente, a existência de variadas culturas juvenis, visto as diferentes formas de inserção na sociedade e de interesses, que define-se o termo além da unicidade a qual a idade é o fator predominante (Esteves, Abramovay, 2008). É preciso lembrar, como afirma Bourdieu (1983, p. 112), que “a fronteira entre juventude e velhice é em todas as sociedades uma parada em jogo de luta”, compreendendo as divisões entre as idades como arbitrárias, construídas socialmente, expressando uma relação de poder.

A problemática da educação e do trabalho exemplificam o prolongamento da juventude nos últimos anos, já que, muitas vezes, há a necessidade de maior permanência no sistema educacional e dificuldade de ingressar no mercado profissional. Além disso, ao relacionar a escolaridade com a faixa etária, percebe-se diferenciações marcantes entre as juventudes (Andrade, Farah Neto, 2007), principalmente quando comparadas às situações familiares as quais os jovens estão inseridos (como sexo, raça, condições socioeconômicas), afirmando a impossibilidade de pensar nessa categoria sem considerar o contexto a qual ela se insere, visto que:

As trajetórias escolares irregulares, marcadas pelo abandono precoce, as idas e vindas, as saídas e os retornos, podem ser assumidas como importantes sinais de que diferentes grupos de jovens vivem e percorrem o sistema de ensino. Tal processo é o indicador mais visível da diversidade do acesso, da permanência e do arco de oportunidades. (Andrade, Farah Neto, 2007, p. 56).

Assim, o jovem não pode ser apenas caracterizado pelo “estado de espírito juvenil”, sendo fundamental considerá-los como uma realidade influenciada por questões como sexo, raça, classe social, fases, anseios. O momento tem uma marcação de tempo que não é



permanente, mas sim transitória e passível de modificações (Esteves, Abramovay, 2008), manifestada pela passagem entre o ser criança e o tornar-se adulto.

Entre as heterogeneidades demonstradas nas juventudes, vale destacar a disparidade entre os jovens que vivem na zona urbana e os que vivem na zona rural. Há certo estigma posto sobre os jovens rurais, ao se perceberem diferentes do padrão social urbano (Kummer, Colognese, 2013). E, quando tal fase da vida é percebida como aquela marcada por anseios e decisões, as experiências do campo certamente diferem a jornada dos jovens que às experienciam e a dos que não. Assim, o desejo de sair ou ficar no meio rural, para essas pessoas, pode marcar profundamente a vivência da fase juvenil e exteriorizar as particularidades da vida no campo.

## **O Rural e o Urbano**

Ao falar sobre a dicotomia “rural X urbano”, é preciso compreender essa dualidade como parte de uma representação social que manifesta visões de mundo e valores particulares, dependendo do universo simbólico onde está referida (Carneiro, 1998). Isso ilustra as noções do que é “rural” e do que é “urbano” sujeitas a reelaborações, havendo diversas dimensões de análise do campo e da cidade.

O rural é percebido como o espaço com baixa densidade populacional e técnica, onde predominam as paisagens com vegetação e as atividades agrícolas, além da identidade territorial coletiva, distinta do urbano, constituído com maior densidade populacional no espaço e inserção de objetos técnicos, sendo a racionalidade técnica influente na formação das cidades e, conseqüentemente, na maior concentração e circulação de mercadorias, atividades, pessoas e capital (Candiotto, Corrêa, 2008). Ainda, todo espaço considerado urbano se sobrepõe ao rural/natural, e em cada contexto e região se notam particularidades na vida social. Além do mais, ao contrário das cidades, há no campo forte relação com a terra (Alentejano, 2003), seja econômica, espacial ou social. Isso caracteriza o urbano como representante de relações mais globais, enquanto a territorialidade marca a vinculação local do rural.

É em relação com o urbano que a sociologia possui variados modos de categorizar o rural (Carmo, 2009), em virtude da urbanização acarretar em diversas alterações estruturais do espaço campeiro nos últimos tempos. Tal urbanização é um fenômeno complexo e assume diversas formas, não sendo heterogênea a influência desta nas mudanças das zonas rurais, pois ela muda conforme as diferentes localidades. Assim, como afirma Carmo (2009), a

relação entre campo e cidade depende dos contextos sociais, em razão das inúmeras relações encontradas entre tradição e modernização, uma vez que nem o moderno invade inteiramente os espaços rurais e nem a tradição se apropria totalmente dos fenômenos urbanos.

Na ação urbanizadora, há uma heterogeneidade que não descaracteriza totalmente a cultura local das zonas rurais (Carneiro, 1998). Com a expansão do urbano sobre o campo, ocorrida principalmente pela integração do rural na economia e sociedade global, existe a possibilidade não só do campo se render aos interesses de fora, mas também de fortalecer sua identidade local, reestruturando esse espaço, com a incorporação de novos componentes econômicos, culturais e sociais.

Então, ao invés de uma dicotomia, existe um *continuum* rural-urbano (Wanderley, 2000), considerando a existência da proximidade e continuidade entre as duas categorias. Isso ocorre pois o processo de “tecnização”, que insere novas atividades econômicas no campo, incluindo as não-agrícolas, acarreta na urbanização física do espaço rural. Essas atividades, de acordo com Graziano da Silva (2001), conduzem a um “novo rural”, mas sem excluir suas particularidades.

Tais transformações econômicas dão ao campo funções que antes ele não tinha, ligadas à indústria, prestações de serviço e à busca do rural pela população urbana para o lazer, o descanso e a residência (Candiotto, Corrêa, 2008). A tecnização do campo acontece com a inserção de atores, ações e objetos técnicos nesse espaço, e as ações que aumentam a densidade técnica do campo:

[...] podem ser de caráter rural (práticas agropecuárias e de manejo dos recursos naturais, estabelecimento de áreas protegidas, organização de atores rurais), urbano (criação de um condomínio fechado, promoção de eventos urbanos, como festas e reuniões, instalação de uma indústria), ou sem essa distinção (instalação de uma escola ou posto de saúde, construção de uma estrada ou ponte, políticas públicas, entre outras) (Candiotto, Corrêa, 2008, p. 229).

Candiotto e Corrêa (2008) também destacam essas ações como dependentes de objetos já ali inseridos, e levam à instalação de novos com

caráter urbano (indústrias, postos de combustível, computadores com internet, antenas parabólicas), rural (plantações, máquinas agrícolas, silos, aviários) ou sem essa distinção (redes de energia elétrica, estradas, escolas) (Candiotto, Corrêa, 2008, p. 229).

Essa tecnização não acarreta, necessariamente, na urbanização do espaço físico, pois as identidades rurais podem ser reafirmadas como modo de vida. Assim, a ruralidade não é mais definida como oposição ao urbano (Carneiro, 1998), já que ela é dinâmica, reestrutura elementos da cultura local e incorpora novos valores, hábitos e técnicas.

Um fator importante de desenvolvimento das zonas rurais é a revitalização e dinamização dos recursos naturais e patrimoniais, associados ao turismo e ao meio ambiente, atraindo a população e alterando estruturas socioeconômicas dessas regiões (Carmo, 2009). Os cidadãos passam a enxergar o campo como espaço de aproximação com a natureza e tranquilidade, valorizando esse lugar antes visto como atrasado e restrito à agropecuária, aumentando o interesse dos moradores da cidade por essas regiões. O desejo dos residentes da cidade em transformar o campo em um bem de consumo é exemplificado por esse aumento da procura de atrativos turísticos, que surgem na intenção de alternar o ritmo da rotina urbana com a tranquilidade promovida pelo contato com a natureza.

O aumento do interesse dos moradores das cidades pelo campo, para passeio ou residência, além de trazer heterogeneidade econômica e social do espaço rural (Candiotto, Corrêa, 2008), articula o território com novas particularidades. A tecnização, então, não está atrelada somente a objetos materiais, mas também a símbolos e culturas, de modo que não são apenas as atividades agro-industriais a integrarem o novo rural. Ainda, vale ressaltar a importância de bens naturais, como rios, plantas e montanhas, como elementos ofertantes de memória e reconhecimento do espaço também pelos habitantes rurais (Carneiro, 1998), colaborando para o reconhecimento desse espaço como lugar de identidade, agora com uma pluralidade de vínculos e personalidades gerando contextos sociais diversificados.

Assim, não se pode compreender a ruralidade nos tempos atuais somente a partir da inserção do mundo urbano e industrial no que antes era tradicionalmente definido como rural (Carneiro, 1998), dada a existência do consumo da população urbana de bens simbólicos e materiais que são reconhecidos como propriamente do campo.

Também é preciso desmistificar as associações entre rural atrasado e urbano moderno, pois o domínio da técnica e da artificialidade não é exclusivo do meio urbano (Alentejano, 2003) e a tecnização não acarreta, necessariamente, em uma urbanização (Candiotto, Corrêa, 2008), já que aquela amplia os valores urbanos, com a chegada de novas prestações de serviços e veículos de comunicação, mas não industrializa e/ou urbaniza o campo necessariamente.

A modernização responsável por aproximar o campo da cidade não só influencia no tipo de produção agrícola e na demanda de determinados produtos, mas também atua nas

formas de produção e comercialização no meio rural (Candiotto, Corrêa, 2008). Além de perceber o contexto rural para compreender como ele se relaciona com o urbano, é indispensável constatar a dificuldade cada vez maior de distinguir as cidades de pequenos vilarejos baseando-se nas atividades econômicas e hábitos culturais (Carneiro, 1998), e notar uma pequena cidade como aquela que causa impactos diferentes sobre o campo se comparado a um grande centro urbano, podendo, inclusive, possuir algumas características ainda mais semelhantes com o rural. A modernização do campo depende da relação da comunidade com os centros urbanos, especialmente com as cidades mais próximas de si (Marques, 2002), ilustrando o vínculo contínuo do rural com o urbanizado.

A multiplicidade de culturas locais torna inviável a construção de um tipo ideal de vida rural, que tende a integrar lógicas contraditórias, com diferentes apropriações dos elementos citadinos e especificidades próprias de cada região (Carmo, 2009). É certo que a urbanização, fenômeno pluridimensional, afeta os diferentes territórios campeiros, mas isso não resulta no rompimento total do agrário, nem em mudanças uniformes da vida no campo.

O movimento de urbanização e/ou tecnização não é homogêneo, em razão das alterações profundas sofridas pelo espaço rural durante esses processos, mas que não são iguais em todas as localidades (Carmo, 2009). A urbanização varia conforme as realidades encontradas nas diversas composições de campo e de cidade, e a própria incorporação das técnicas é relativa, havendo diversos graus de tecnização em diferentes áreas.

O campo não passa por um processo único de transformação em toda sua extensão, e “não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos” (Carneiro, 1998, p. 53). Os efeitos de todas essas mudanças sobre a população local diferem, mas, para não cair no risco de um empirismo radical que capta apenas uma pulverização de identidades (Lahire, 2002), é fundamental perceber o que caracteriza os agentes do contexto pesquisado.

Esse crescimento de atividades urbanas em zonas rurais, mesmo com origem na estratégia de sobrevivência dos próprios agricultores (Candiotto, Corrêa, 2008), tem vínculo com a vontade dos citadinos pelas paisagens, produtos e culturas que representam o campo, e com a influência que a cidade possui sobre os moradores rurais, principalmente os jovens.

Voltando para a questão das juventudes, é importante notar as particularidades dos jovens rurais, muitas vezes estigmatizados em espaços urbanos (Castro, 2009). É uma categoria representante das identidades sociais, e analisar a influência do contexto na vida cotidiana da população rural jovem permite compreender os diversos aspectos que fazem parte do continuum rural-urbano e como isso impacta as gerações recentes.

## **A Juventude Rural e seus dilemas**

A categoria “juventude” é uma construção social marcada pela multiplicidade das culturas juvenis e da forma como esta é vista socialmente. Assim, é comum o jovem rural ser estigmatizado nos espaços urbanos (Castro, 2009), identificados como “roceiros”, “atrasados” e entre outros adjetivos que exprimem a ideia por muito tempo aceita do rural definido enquanto oposição ao urbano, associado justamente às noções de atraso, com a promoção de avaliações negativas em relação à cidade. Isso ilustra como a juventude, especialmente a juventude rural, é uma categoria marcada pela hierarquia social (Castro, 2009) e expressa sua multiplicidade em diferentes contextos. Assim, o jovem rural está, muitas vezes, em uma situação de invisibilidade (Kummer, Colognese, 2013), não reconhecido como agente social e percebido como um grupo em crise, que precisa tomar suas decisões de acordo com perspectivas exteriores.

Pierre Bourdieu (2006), em estudo realizado na França nos anos 1960, confere a maneira como o camponês absorve padrões culturais vindos da cidade, resultando em uma caracterização dos jovens do campo a partir de seu “habitus do camponês”, ou seja, a forma de expressarem seus comportamentos e estilos de vida se distinguem dos urbanos. Isso motiva esses jovens a se adequarem aos padrões das cidades, para que deixem de ser estereotipados como jovens do campo.

Hoje, embora ainda haja a estigmatização devido ao padrão urbano estabelecido (Kummer, Colognese, 2013), a juventude se encontra em um contexto de transformações, com características próprias resultantes das dimensões sociais e históricas (Dos Santos, 2019). A modernização do campo especifica as mudanças na ruralidade não só do espaço, mas também nos modos de vida dos ali inseridos. A inclusão digital e o acesso à informação como demanda dos jovens rurais, por exemplo, tornam-se mecanismos de integração tanto no espaço urbano quanto no rural (Dos Santos, 2019), agregando mundos culturais diversos e caracterizando novas dinâmicas de vida desses agentes, que agora repensam suas identidades e seus planos para o futuro. Assim como existem múltiplas “juventudes”, também existem múltiplas “juventudes rurais” (Kummer, Colognese, 2013), e essa diversidade dentro do campo precisa ser compreendida através das questões socioculturais que configuram essa multiplicidade de identidades.

Nas pesquisas sobre jovens rurais, encontram-se resultados referente às dificuldades que estes esbarram na vida no campo, essencialmente no acesso à escola e ao trabalho (Abramo, e Branco (org.), 2005; Carneiro, 2005, PNERA, 2005, Castro, 2005 apud Castro,

2009) e, também, os que dizem respeito a atração do jovem pelo estilo de vida e/ou meio urbano (Carneiro, 1998, 2005 apud Castro 2005).

O senso comum de estigmatizar o rural como atrasado e a cidade como moderna faz a literatura sobre juventude rural privilegiar a compreensão da migração das zonas rurais para as urbanas (Valadares et al., 2016) pois, nessa lógica dicotômica do campo versus cidade, os jovens “naturalmente” priorizariam o desejo de viver em um local que tem como símbolo o progresso.

No senso comum, constrói-se, assim, a ideia de que permanecem no campo apenas aqueles que não tiveram ‘oportunidade’ de migrar, aqueles ‘que não tem jeito para os estudos’, ou os ‘menos capacitados’ a uma vida urbana. Em outras palavras, o êxodo é banalizado e naturalizado; a redução da população rural é vista como um sinal de progresso (Valadares et al., 2016, p. 60).

Os jovens rurais ainda estão envolvidos em laços que os prendem em sua origem, mas também atribuem aspectos da cultura urbana, colocando-os em uma situação transitória, a qual a decisão de ficar ou sair do campo é decisiva para o futuro (Puntel, Paiva, Ramos, 2011). Esse cenário de passagem demonstra a existência de diversas questões da construção da categoria “juventude” no dilema de partir ou permanecer na zona rural, marcando o momento de crise nos questionamentos sobre qual caminho seguir, a continuação ou não dos estudos e as escolhas profissionais, a exemplo de decisões complexas desse período, mas que precisam ser tomadas.

Além de evidenciar a estigmatização do campo frente à cidade, a escolha de sair de suas moradias nas zonas rurais para construir uma vida urbana traz como consequência a descontinuação da sucessão familiar na agricultura, atividade econômica a qual as relações familiares exercem extrema relevância (Abramovay, 2001), visto a transmissão geracional das técnicas laborais e do patrimônio agrícola. Embora o espaço rural não se defina exclusivamente pela atividade agrária, com residentes dessas áreas exercendo funções profissionais desvinculadas à terra, ou que combinem a agricultura com outras formas de obtenção de renda (Carneiro, 1998), os moradores dessas localidades ainda, em sua grande maioria, possuem ofícios específicos do campo, e nesse espaço o jovem é tido como aquele que ainda não é proprietário da terra, o dependente inserido, normalmente, como um agregado do pai (Puntel, Paiva, Ramos, 2011). Assim, muitos migram por não perceberem no trabalho agrícola potencial de sobrevivência ou garantia de seus interesses sociais e econômicos, e saem à busca de empregos assalariados nas cidades como estratégia de maior independência em relação aos seus pais e, também, a possibilidade de possuir uma renda

salarial própria e fixa. Isso acarreta, ainda, em uma tensão na identidade juvenil, que rejeita o trabalho no campo, rompendo com acordos sociais estabelecidos na unidade familiar (Dos Santos, 2019). Em famílias de agricultores, os filhos iniciam cedo as atividades domésticas e agrícolas (Zago, 2016), apropriando-se aos poucos de técnicas de produção e de gestão. Entretanto, isso não garante a continuidade ao trabalho exercido pelos pais pelos jovens em busca de novas alternativas de autonomia.

Tal situação afeta a sucessão geracional da agricultura familiar, trazendo como consequência o envelhecimento do campo acelerado, em virtude de os jovens não satisfazerem mais suas vocações profissionais nas propriedades paternas (Abramovay, 2001), e tenderem ao deslocamento para espaços com possibilidades diversas de atividades econômicas. Com isso, a formação de um novo grupo de trabalhadores rurais perde os traços culturais trazidos de seus antepassados, levando a um novo padrão de vida no campo (Puntel, Paiva, Ramos, 2011). Ainda, o trabalho agrícola é menos atrativo para as mulheres, sendo importante analisar as implicações das questões de gênero nas decisões de sair ou ficar no meio rural e a consequente masculinização do campo, relacionada às diferenças de papéis desempenhados por homens e mulheres no meio rural, levando a uma dinâmica de migração diferente conforme o gênero.

A vida no campo obedece as raízes patriarcais, colocando as mulheres no papel central de cuidar da família e da casa, fazendo as dinâmicas internas das unidades familiares de produção favorecerem as perspectivas de continuidade na atividade agrícola e de sucessão entre os rapazes (Ferrari et al, 2004). Isso não significa a anulação do papel feminino nas funções da terra mas, pela tendência tradicional, é comum elas se sentirem atraídas pela vida na cidade e migrarem mais que os homens, determinando um viés de gênero na sucessão da propriedade, visto as atribuições subordinadas, com baixa participação nas decisões e na produção, dadas às moças na agricultura. O êxodo feminino expressa a forma de distribuição interna do poder nas famílias, sendo que

as responsabilidades, o planejamento, a participação, a apresentação social na identidade de agricultora são vedados às jovens: ‘o desempenho da mulher na produção familiar não é reconhecido socialmente porque o espaço público continua sendo domínio masculino (Panzutti, 1996:9, Ferrari et al, 2004, p. 258).

Essa questão pode ser entendida, antes de um desinteresse das moças pelo trabalho e pela vida no campo, como uma forma de resistência à reprodução do papel subalterno que as mulheres das gerações anteriores ocuparam na agricultura familiar (Valadares et. al, 2016). A

oposição às funções tradicionalmente femininas faz com que as mulheres busquem maior investimento na educação do que os rapazes, principalmente com o objetivo de garantir um emprego fora da zona rural (Brumer, 2007). Então, a procura por uma formação acadêmica, profissional, ou melhores condições de ensino básico pelas mulheres não se constata apenas como uma tática para sair do meio rural, mas principalmente como uma estratégia de garantir autonomia pelo exercício de outras profissões fora do papel de mãe e esposa, dadas pela perspectiva de um melhor nível educacional.

A educação possui papel decisivo nas expectativas profissionais dos jovens, por isso a importância de um olhar às particularidades educacionais nas zonas rurais e a suas relações com o êxodo ou com a permanência nessas localidades, visto que fica no campo o filho que menos estudou (Ferrari et al, 2004; Zago, 2016). O meio rural ainda possui problemas referentes à precariedade do nível educacional, tanto em relação a sua abrangência quanto à qualidade do ensino e, mesmo com os avanços de políticas implementadas nos últimos vinte anos, a condição da escola rural ainda é precária se comparada à urbana (Pereira, De castro, 2021).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)<sup>2</sup> – Educação, é a média geométrica dos indicadores de escolaridade da população adulta e o fluxo escolar da população jovem, mostra que em 2010 o Brasil apresentou “muito baixo” IDHM Educação Rural na maioria das unidades federativas, com exceção de Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, que apresentaram “baixo” IDHM Educação Rural. Esses dados foram melhores nas áreas urbanas, que tiveram, em sua grande maioria, como “médio” os resultados de IDHM Educação Urbana, sendo que São Paulo, Santa Catarina e Roraima apresentaram índice “alto” no meio urbano. Então, mesmo Santa Catarina estando em uma posição vantajosa comparada a alguns Estados, o nível da educação rural ainda é mais baixo em relação à urbana.

É perceptível, em relação às áreas rurais, a presença de fatores que colaboram para o baixo nível de ensino, expressadas nos altos níveis de evasão e repetência, no baixo nível de qualificação dos professores, na precariedade das instalações escolares, na falta de material e de equipamento, por exemplo (Maia, 1982 apud Pereira, De castro, 2021). Com isso, há um contraste entre a escolaridade de quem fica na agricultura e a de quem passa a viver nas

---

<sup>2</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é composto por indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1 sendo que quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. É considerado muito baixo o IDHM entre 0 e 0,49, baixo entre 0,5 e 0,59; médio de 0,6 e 0,69, alto 0,7 e 0,79 e muito alto entre 0,8 e 1,0.



idades (Ferrari et al, 2004), sendo a baixa escolaridade um indício de permanência na continuidade do trabalho familiar, mas também um motivo de saída em busca de melhores condições educacionais e de formação.

O acesso a condições educacionais adequadas se torna uma demanda essencial para integrar o meio rural. Muitos pais incentivam os filhos a continuarem os estudos e desenvolverem projetos de profissões não agrícolas (Kummer, Colognese, 2013) e, tendo em vista as diferenças de gênero, essa prática é ainda mais recorrente entre as filhas mulheres, a quem geralmente não é reservada a função de sucessoras na gestão da produção familiar. Estudar na cidade também pode ser uma opção, principalmente para os homens, de inovar as técnicas agrícolas para retornar ao campo com novas estratégias de produção e de manutenção do estabelecimento familiar, configurando novas experiências culturais e sociais.

Mesmo com as diferenças entre homens e mulheres, a busca por uma educação de qualidade vem com a ideia da possibilidade de melhorar de vida, onde o lugar de partida oferece condições inferiores ao lugar onde se pretende chegar. Assim, “mudar para pior” não faz parte do processo decisório, mesmo os desejos não se concretizando como esperado (Kummer, Colognese, 2013). Ainda, a visão estigmatizante acarretada pela reprodução hierárquica do urbano *versus* rural, desvaloriza culturalmente o campo e coloca a juventude rural em posição de inferioridade, trazendo a vontade de mudar da situação atual para uma “melhor” (Castro, 2009). Então, os estigmas sofridos pelos moradores do campo, a falta de autonomia do jovem e a precarização da educação rural se colocam como condições influenciadoras na vontade de migrar em busca de melhores condições, observando que parte significativa do êxodo rural não é intrínseca ao processo de urbanização, mas explicada por condições históricas associadas à formação fundiária do país (Valadares et. al, 2016). A saída dos jovens do campo não configura o fim do rural, pois as relações com a cidade não excluem as particularidades do campo, havendo jovens com o desejo de permanecer nesse meio.

Assim, além da migração, é preciso compreender os motivos que atraem os jovens à vida no campo e à permanência nas atividades agrícolas, considerando as relações de gênero presentes nesse meio (Brumer, 2007). As questões anteriormente citadas, como o vínculo com o trabalho na roça e a baixa escolarização, por exemplo, também podem caracterizar motivações à permanência no meio rural. Isso demonstra a complexidade de determinar os porquês do êxodo ou não dos jovens, exigindo a investigação dos contextos plurais nos quais essa juventude se insere e quais as relações com outros aspectos sociais elas possuem ao buscar entender suas decisões.

O vínculo dos jovens rurais com a terra e com o trabalho na agricultura familiar são fatores que influenciam na permanência no campo entre os homens, principalmente entre os menos escolarizados, que são os mais propensos a seguir na administração da propriedade paterna. Já em relação à situação das mulheres, é comum elas permanecerem na propriedade dos pais justamente pela necessidade de ajuda no trabalho doméstico (Valadares et. al, 2016; Zago, 2016). Também é preciso levar em consideração aqueles que saem para aperfeiçoar suas técnicas a partir do estudo nas cidades, mas voltam para aplicar novos conhecimentos no campo, com esse contato viabilizando novas experiências no meio rural (Dos Santos, 2019). Além do peso da questão de gênero diferenciando o destino dos homens e das mulheres, e a questão da baixa escolarização mais frequente entre os que ficam, a relação familiar possui grande relevância na hora da tomada de decisão, pela transmissão da propriedade e questões materiais, mas também das concepções de trabalho e visões de mundo, influenciando nos pensamentos sobre o futuro.

Outro fator determinante na escolha por ficar é a relação dos camponeses com a natureza para além do trabalho no campo, usando dos recursos naturais também para fins lúdicos e sensoriais proporcionados pela presença da paisagem (Carmo, 2009). Além de possibilitar vínculos com os moradores rurais, a paisagem natural é um atrativo aos que saem da cidade e vão para o campo, seja em busca de turismo, lazer ou de meios alternativos de vida e moradia (Carneiro, 1998). O rural é tido como um espaço de aconchego e tranquilidade, sendo estes motivos que levam não só à permanência dos jovens que ficam, mas também a uma vontade de não perder o vínculo entre os indivíduos que saem. Além de a paz ligada às experiências proporcionadas pela paisagem campeira atrair novos turistas e moradores que não estão, necessariamente, ligados às atividades agrícolas, mas expressam novas formas de compor o rural, distante da visão dicotômica.

A juventude rural é composta por atores políticos em processo de construção identitária, e expressam suas angústias contra as desigualdades dos meios rurais e a demanda por transformações, sendo a vontade pela permanência um posicionamento contra a ideia de “esvaziamento do campo” (Castro, 2019). Ao observar esses jovens, deve-se estender o olhar em como as mudanças e crises da realidade rural afetam suas vivências, indo contra estigmas e reconhecendo o poder da juventude em resgatar o campo.

Partir ou ficar não são alternativas sem volta, mas sim possibilidades que podem ser atualizadas durante a trajetória desses jovens (Kummer, Colognese, 2013). Além disso, as decisões de saída ou permanência não podem ser compreendidas como privadas e subjetivas (Valadares et. al, 2016), já que são ancoradas em variáveis múltiplas, que podem pesar tanto

nas estratégias de partir quanto nas estratégias de ficar, dependendo dos múltiplos contextos específicos de cada região, como os espaços ocupados por essa juventude, a ruralidade que vivenciam, as atividades que exercem (sejam elas agrícolas ou não) e suas condições de vida. Deve-se compreender quais são as vontades e decisões vindas dos próprios agentes, pois inúmeros fatores, como a família, o trabalho e a educação, podem levar a realização de algo que não parte de uma vontade, mas sim de uma estratégia prática de modos de vida. Jovens rurais são atores plurais inseridos em determinado contexto, possuem variadas motivações nas decisões de partida ou permanência no campo, construindo suas identidades a partir dessas diversas situações.

## RESULTADOS

Após a breve revisão de literatura sobre a construção da categoria juventude e do meio rural, percebe-se a multiplicidade das motivações a levarem os jovens ao desejo de sair ou ficar no campo. Por isso a importância de compreender o contexto em que os jovens estudantes da pesquisa estão inseridos, para então entender quais as motivações levam eles a tomarem a decisão de partir ou permanecer no meio rural após o fim dos estudos na região, e se essa decisão faz parte de projetos para o futuro.

Além das especificidades do município de Siderópolis já citadas anteriormente, vale ressaltar alguns dados do Censo Agropecuário de 2017 voltados às questões já trabalhadas. Entre os 427 estabelecimentos agropecuários da cidade, 378 são de produtores homens e 47 de produtores mulheres (os outros dois estabelecimentos estão sob condição de Sociedade Anônima ou por Cotas de Responsabilidade Limitada, por isso não constam nesses resultados), sendo que, nos dois casos, há o predomínio de produtores com idades entre 45 a 75 anos (278 produtores homens e 31 mulheres nessa faixa etária). Além disso, a respeito da condição desses produtores em relação às terras, 387 são proprietários das mesmas, ou seja, a maioria dos produtores possuem terra própria. Ainda, existem 1.250 pessoas ocupando esses estabelecimentos, e destes, 1.207 (680 homens e 527 mulheres) possuem laços de parentesco com o produtor, o que coloca em questão quem serão os sucessores desses estabelecimentos familiares. Esses dados expressam a tendência da masculinização e envelhecimento do campo (principalmente nas questões relacionadas ao trabalho como produtores rurais) observadas nacionalmente presentes também na cidade de realização da pesquisa, dado que, mesmo com uma quantidade expressiva de mulheres morando nesses estabelecimento, a maioria dos produtores são homens nas idades de 45 a 75 anos.

Em relação à escolarização, 232 estabelecimentos possuem produtores que completaram o antigo primário<sup>3</sup>, e 67 no antigo colegial, somando a maioria nesses níveis de ensino. No nível superior, encontram-se 21 que completaram a graduação. Esses números também remetem à literatura sobre a baixa formação educacional dos moradores e trabalhadores do campo.

Para compreender como as terras são utilizadas por esses produtores, os dados informam que 279 estabelecimentos são de lavouras temporárias; 386 possuem pastagens naturais; 20 possuem matas ou florestas naturais, 315 possuem matas ou florestas naturais destinadas à preservação permanente ou reserva legal e 259 possuem matas ou florestas plantadas. Sobre a agropecuária, os números mais expressivos de produção estão no plantio de banana e milho e na criação de aves.

Esses dados servem para mostrar a importância da produção agrícola para a zona rural do município, com a observação dos mesmos elucidando a relevância do trabalho no campo nas decisões de partida ou permanência dos jovens inseridos nesse contexto, membros de uma unidade doméstica também atuante como unidade de produção agrícola (Kummer, Colognese, 2013). É preciso considerar, ainda, a multiplicidade da juventude rural e quais os seus próprios anseios, sabendo-se que, para perceber as disposições desses jovens, é preciso um trabalho interpretativo que leve em conta os comportamentos, opiniões, entre outros aspectos identificatórios de uma aparente diversidade das práticas desses atores plurais (Lahire, 2004). Por isso, a realização das entrevistas com os estudantes tem o objetivo de revelar as dimensões tocantes na vontade de, caso continuem os estudos, permanecerem em uma escola no pequeno município ou se há planos de estudar em uma cidade com maiores características urbanas, além de perceber se esse planejamento se estende para o futuro.

Os seis alunos entrevistados, do nono ano de uma escola localizada na zona rural de Siderópolis, são brancos, têm 14 anos de idade e, dos seis, três são moradores da zona rural e três moram no centro da cidade. A fim de preservar suas identidades, usarei nomes fictícios para identificar os estudantes, que responderam às questões sobre a família, o trabalho, a escola, os momentos de lazer, a relação que possuem com o campo e com a cidade, e seus planos para o futuro. As conversas, realizadas na escola em um período cedido pela direção e pelas professoras, foram rápidas, mas esclarecedoras. Os alunos chegaram tímidos, mas

---

<sup>3</sup>O ensino primário, para crianças a partir dos sete anos de idade, era ministrado em, no mínimo, quatro séries anuais, podendo ser estendido para crianças de seis anos de idade. O ensino médio era composto por dois ciclos: o ginasial, com quatro séries anuais, e o colegial, com três séries anuais (Gracindo et. al, 2010).

responderam todos os tópicos e conseguimos concretizar uma conversa satisfatória, tendo em vista os objetivos da mesma.

Entre os entrevistados que residem no campo, Guilherme mora desde o nascimento na região, junto com a irmã e com os pais, que trabalham com hortaliças; João, que mora com os pais e dois irmãos, e a família têm um aviário; e André, que se mudou há um ano para o campo, pois sua mãe e seu padrasto foram à trabalho para a Inglaterra e ele precisou morar com o irmão. Percebe-se o vínculo familiar com a agricultura, mas este não é o principal motivo a levar todos os moradores a permanecerem no campo, como ilustrado pelo caso de João, que tem a roça como lugar de moradia temporária, enquanto está longe dos pais.

Já entre os entrevistados residentes do centro da cidade, Ana mora com os pais e o irmão mais novo; Júlia também mora com os pais e dois irmãos mais novos; e Pedro, que mora com os pais e a irmã mais nova. Nesses casos, as famílias possuem trabalhos na cidade, mas optaram por matricular os filhos entrevistados na escola rural.

### **As Famílias**

É na família que o jovem constitui um porto seguro, uma comunidade afetiva, onde além do refúgio, também encontram conflitos (Kummer, Colognese, 2013). Em um momento o qual o jovem enfrenta seus dilemas, a opinião familiar tem um peso na tomada de decisão. Por isso a importância de analisar, além dos conselhos dos pais dado aos jovens sobre qual escola continuar os estudos, a situação familiar dos entrevistados.

Viu-se a tendência de uma condição escolar precária entre os trabalhadores rurais, tornando fundamental as perguntas sobre a escolaridade dos familiares dos jovens. Entre os que trabalham e moram no campo, a escolarização dos pais é incompleta, mas percebe-se que a situação muda em relação aos filhos. A mãe de Guilherme completou o ensino fundamental, enquanto o pai concluiu o ensino médio, e hoje os dois trabalham com a comercialização de hortaliças, enquanto sua irmã está cursando contabilidade em uma universidade de Criciúma. Ao questionar sobre as experiências acadêmicas da irmã e a relação dela com a cidade, ele responde que:

*“Ela diz que tá gostando, não sabe se vai continuar em Siderópolis. Meu padrinho trabalha com contabilidade e acho que vai dar um emprego pra ela” (Guilherme, morador do campo).*

Durante as entrevistas, comprovou-se a tendência de uma masculinização do trabalho do campo na região. A irmã de Guilherme, assim como o garoto, ajuda em alguns momentos com as hortaliças, porém, ela não tem a perspectiva de continuar com a produção familiar. Entretanto, o pai o incentiva a fazer um técnico agrícola para aprender novas habilidades e aplicar na propriedade da família:

*“[Você vai fazer o ensino médio?] Eu quero fazer uma prova pra estudar em Santa Rosa, na escola agrícola, meu pai falou que é bom pra aprender, eu quero ir pra lá.” (Guilherme, morador do campo).*

Mesmo o garoto alegando que *“não sei se quero fazer faculdade, nem a profissão que quero seguir ainda”*, nota-se a motivação do pai em fazer o filho continuar os estudos visando a continuidade da produção familiar, mesmo o filho não possuindo certeza de suas vontades, ao contrário da situação observada na filha mulher, a qual o tio, que não trabalha no campo, pretende ajudá-la a conseguir um emprego na área da contabilidade. Essa situação é semelhante na família de João, cujo os pais completaram o ensino fundamental, e o pai é proprietário de um aviário e a mãe não trabalha no campo, mas tem a função de cuidar da casa. Seu irmão de 21 anos completou o ensino médio e hoje também possui um aviário, e sua irmã, de 16 anos, está no Ensino Médio e estagia na escola rural.

*“Meu irmão gosta de trabalhar na roça desde pequenininho, então ele fez um aviário pra ele mesmo, meu pai incentivou meu irmão. Minha irmã não sei se quer fazer faculdade, mas acho que ela vai ser professora, ela é estagiária aqui de tarde. Ela também ajuda no aviário quando precisa, mas eu ajudo mais porque fico mais em casa” (João, morador do campo).*

A saída dos jovens das atividades agrícolas familiares para outras localidades do meio rural ou para a cidade se tornam estratégias adotadas pelas famílias a fim de garantir a continuidade do estabelecimento familiar, e a saída de alguns filhos demonstra a complementação de renda e a continuação da reprodução da terra por um sucessor escolhido pelos pais (Dos Santos, 2019). Além disso, nas falas dos rapazes é perceptível a tendência à masculinização no campo, retomando ao ponto de as mulheres possuírem posições mais desvalorizadas no trabalho agrícola, ficando ao cargo, geralmente, de tarefas auxiliares e domésticas (Brumer, 2007). Isso faz com que o trabalho no campo seja predominantemente conduzido por homens, aumentando as chances das moças terem maior vontade de sair.

Ressalta-se o fato de esses jovens estarem vinculados ao campo e/ou à agricultura não os torna, necessariamente, agricultores (Kummer, Colognese, 2013), como expressa o caso de André, residente da zona rural há cerca de um ano. Seus pais, que estudaram até o sexto ano do Ensino Fundamental, são divorciados, e o rapaz morava com a mãe e com o padrasto, que é eletricitista. Porém, pelo fato de sua mãe e seu padrasto ficarem períodos na Inglaterra em busca de melhores condições de trabalho, o garoto passou a morar com o irmão, de 28 anos, no campo:

*“Ano passado me mudei pra cá, porque minha mãe foi pra Inglaterra e vim morar com meu irmão. Lá é mais fácil de adquirir dinheiro, ela já ficou dois anos lá. Ela gostou, quer voltar mas quer ir pra Itália depois. Eu não quero ir, meu irmão também não tem vontade. Meu padrasto foi com ela, eu fiquei com meu irmão porque não gosto da minha madrasta”* (André, morador do campo).

No momento da entrevista, o padrasto e a mãe estão no Brasil, e trabalham em uma hamburgueria da família, localizada no centro, porém o garoto continua morando com o irmão, que fez um curso de sonda em Criciúma, mas hoje ajuda na hamburgueria e decidiu morar no campo por ser um lugar mais calmo. Seu pai mora no centro da cidade e trabalha em uma mina, e o garoto só o visita em alguns finais de semana. No caso de André, percebe-se a relação com o campo não relacionada ao trabalho agrícola, mas sim na percepção de um lugar mais calmo para moradia, além de gostar do contato com os animais:

*“Aqui não tem muita gente, é parado, mas tem bastante cavalo, desde pequeno eu gosto de cavalo, e não tem muito movimento de carro”* (André, morador do campo).

André se encontra na situação de “neo-rural”, ou seja, esses novos moradores do campo que buscam o rural em função de valores próprios desse mundo, como a tranquilidade e o contato com a natureza (Carneiro, 1998). Mesmo não sendo um jovem agricultor, o sentimento de pertencimento ao campo se dá por questões que são relacionadas com a terra e com o ambiente.

De fato, a escolaridade dos pais dos entrevistados moradores do campo não atinge o nível superior, mas a situação tende a mudar em relação aos filhos, como percebido entre os irmãos mais velhos dos estudantes, principalmente entre as filhas mulheres, que buscam alternativas de trabalho e estudo fora da zona rural.

Em relação aos jovens que moram no centro da cidade mas estudam na escola rural, temos o caso de Ana, que reside com seus pais e seu irmão mais novo, de sete anos. Seu pai completou o Ensino Fundamental e hoje é operador de máquina em uma empresa, já sua mãe terminou o Ensino Médio e trabalha em uma loja de roupas no centro da cidade. Ana é secretária em um escritório de advocacia no centro de Siderópolis:

*“Eu gosto de trabalhar. Eu queria trabalhar, né, aí quando eu comecei meus pais incentivaram muito. Eu não queria depender tanto dos meus pais, eu tenho meu próprio dinheiro, posso comprar minhas próprias coisas, tenho mais liberdade financeira. Comecei a trabalhar esse ano” (Ana, moradora do centro).*

A garota vê no trabalho uma forma de começar sua autonomia financeira, e tem o apoio da família nesse processo. O controle exercido pelos pais enquanto os jovens vivem junto a eles pode reforçar a saída de casa e a busca pela autonomia (Castro, 2009), ou seja, a vontade de não depender financeiramente dos familiares pode configurar uma motivação a sair para a cidade em busca de mais oportunidades de estudo e trabalho, sendo ou não incentivada pelos pais. No caso de Ana, a busca por melhores qualificações profissionais também é incentivada pelo fato de seu pai e sua mãe não terem acesso a tal oportunidade, almejando um destino diferente à menina.

Já Júlia, que reside no centro da pequena cidade com seu pai, que tem a profissão de mineiro, sua mãe, que trabalha em uma metalúrgica, e dois irmãos mais novos, de um e de seis anos, não trabalha, mas ajuda com as atividades domésticas e com o cuidado dos irmãos:

*“Estudo de manhã, à tarde eu limpo a casa e vejo se tem algo da escola pra fazer”. (Júlia, moradora do centro).*

A garota sente vontade de trabalhar, e tem o sonho de seguir a mesma carreira que seu pai possuía:

*“Tenho vontade de trabalhar, com o que tiver, mas meu sonho é ser caminhoneira, porque meu pai era cominhoneiro. Eu gosto, já sei dirigir caminhão” (Júlia, moradora do centro).*

Percebe-se, mais uma vez, a influência familiar nas decisões futuras dos filhos. No caso de Júlia, o trabalho não é na agricultura, mas a vontade de ser caminhoneira é



incentivada pelo pai, que a ensinou a dirigir, mesmo antes da idade adequada. A garota sente vontade de ter um trabalho também motivada pela busca da autonomia, mesmo que a profissão não seja a dos seus sonhos (já que trabalharia com “o que tiver”). Almejar a independência é central no planejamento da garota com seu namorado, também morador do centro e profissional de um petshop de Siderópolis:

*“Pretendo sair da casa dos meus pais, quero ter minha casa em siderópolis mesmo, porque eu gosto de morar aqui. [o que te chama a atenção em Siderópolis?] Não sei, só gosto. Eu quero casar, mas não quero ter filhos. Já tenho irmãos, eles incomodam e não quero filhos. A gente [ela e seu namorado] conversa de morar junto, a gente quer ter nossa casa, mas ainda não sei onde” (Júlia, moradora do centro).*

Agora Pedro, também residente do centro de Siderópolis, não trabalha e não tem vontade de começar a trabalhar no momento. O garoto mora com o pai, que estudou até o oitavo ano e hoje é mineiro, com a mãe, que concluiu o Ensino Médio e trabalha como cozinheira, e a irmã de nove anos, que também estuda na escola rural. Novamente, mesmo a escolaridade dos pais não alcançando o nível superior, há o incentivo familiar de continuar os estudos no Ensino Médio e na universidade:

*“No Ensino Médio eu vou pra uma escola de Criciúma, porque minha mãe acha a escola boa, vou de ônibus pra lá. Tô animado, acho que vou fazer curso técnico de mecânica lá. Faculdade eu quero fazer lá também. Depois que terminar a faculdade eu quero ser policial” (Pedro, morador do centro).*

Ao analisar a família dos entrevistados, percebe-se que tanto os pais dos moradores do campo quanto os dos que residem no centro do pequeno município chegaram, no máximo, à conclusão do ensino médio. Porém, há a tendência de mudar esse quadro, já que os pais incentivam os filhos a concluírem o Ensino Médio e, também, buscarem qualificações profissionais.

Porém, entre os moradores da zona rural que trabalham com a agricultura, essencialmente entre os rapazes, há o incentivo de continuar com o trabalho no campo, buscando novas especializações. Por isso, posteriormente, é preciso verificar se assumir a continuidade da propriedade familiar é uma vontade desses filhos, e qual a influência disso nos desejos de sair ou permanecer no campo. Já entre os moradores do centro da cidade, a

família encoraja a busca por qualificações profissionais que não se relacionam com o campo, mesmo convivendo diariamente com o meio rural, o trabalho na agricultura não faz parte do cotidiano familiar desses jovens. Por isso, será interessante verificar os motivos que levaram os moradores do centro a matricularem seus filhos na escola localizada na zona rural, e se o campo se tornou ou não um atrativo de moradia para esses jovens.

Além do mais, é fato que a família toma proporções grandes nas decisões de futuro dos filhos, incentivando ou não as vontades que estes possuem e nas suas buscas por independência, sabendo-se que a escolha de sair ou ficar estão relacionados com o crescimento da autonomia dos filhos no interior das famílias (Castro, 2005) influenciando nas decisões de futuro escolar, acadêmico e profissional.

## **A Escola**

Viu-se que a escolaridade dos pais dos jovens entrevistados, tanto os moradores do campo e trabalhadores rurais quanto os que moram no centro da cidade e possuem outros ofícios, é baixa. Entretanto, as famílias caminham em outra direção quanto à vida escolar dos filhos, incentivados a permanecerem na escola, vista como uma oportunidade de saída de suas condições originais, existindo uma oposição entre duas grandes matrizes de socialização contraditórias - o universo familiar e o universo escolar (Lahire, 2002). Assim, é essencial perceber qual a relação que os jovens possuem com a escola rural, além dos motivos que levaram suas famílias a os matricularem ali, principalmente entre os que moram no centro da cidade, já que optaram por estudar em uma instituição mais distante do bairro de residência.

Estudos como os de Ferrari et al (2004) demonstram como é crescente a desvinculação das escolas rurais com o meio, comprometendo a relação dos estudantes com essas instituições e o processo de ensino. Porém, entre os entrevistados, a escola foi frequentemente citada como um bom lugar para estudar:

*“Todo mundo se dá bem na sala, eu gosto daqui. Meu primo estuda em outra escola no centro, ele reclama da merenda [risos], a parte boa é a merenda, gosto do macarrão” (Guilherme, morador do campo).*

Guilherme estuda na escola pela proximidade de sua casa, mas o fato de se sentir bem em sala de aula é algo essencial para o manter motivado nos estudos. Assim como o garoto, o

também morador do campo, João coloca a escola rural como melhor que a do centro da pequena cidade:

*“Eu gosto de estudar aqui, já estudei numa escola do centro. Não gostava muito, sei lá, meus amigos estavam todos aqui, sempre achei melhor aqui, mas como não tinha turma eu tive que ir pra lá” (João, morador do campo).*

Já André, que se mudou há pouco tempo para a zona rural, destaca a escola não só a questão da proximidade de casa e a relação com os outros estudantes, mas também a maior segurança que ele encontra na instituição atual:

*“Eu prefiro estudar aqui do que no centro, aqui é mais perto. Aqui é melhor porque aqui tem pessoas do interior e lá tem pessoas da cidade. Lá tem muito nóia. Eu não sou muito certo, mas lá eles são mais errados. Um aluno que estudava aqui ano passado fumava maconha, eu não ia porque meu pai ia ver. Aqui é mais rígido que lá e meus amigos não são nóias, os que estudam aqui são mais de boa, tranquilos” (André, morador do campo).*

O garoto vê as pessoas da cidade como “mais erradas” comparadas às do interior, sendo o campo e a escola da região mais seguros. Nesse sentido, nota-se a presença da valorização do campo em oposição à cidade devido a violência que vem tomando conta do cenário urbano, sendo o que antes era considerado negativo (“lugar parado”, “onde nada ocorre”) dando lugar a atributos relacionados à tranquilidade e segurança. Essa avaliação é resultado, justamente, da vivência alternada entre campo e cidade e da busca pelo rural como espaço onde podem recuperar a tranquilidade e um padrão de vida associado ao contato com a natureza (Carneiro, 2007). Assim, André e sua família veem a escola do campo não só como um lugar próximo de casa e de mais fácil acesso, mas também como um espaço onde o garoto é mais disciplinado (“*eu não sou muito certo [...] aqui é mais rígido que lá*”) e fica longe dos colegas que são “nóias” (fumam maconha) e estudam no centro.

Nota-se como a escola possui particularidades que vão além da proximidade com o local de residência dos que moram na área rural, tornando aspectos como o bom ensino, a relação com os colegas e a maior segurança importantes na relação dos estudantes do campo com a instituição. Também, é preciso evidenciar os aspectos que levam os moradores do centro da cidade a serem matriculados na escola rural.

Novamente, os estudantes destacam a qualidade da escola e a tranquilidade proporcionada por ela:

*“Eu estudava no centro, mas aqui a qualidade de ensino é muito boa e eu vim pra cá, venho pra escola de ônibus. Aqui a paisagem é diferente, mais bonita, e lá é muita gente, aqui a quantidade diminui, a escola parece mais quieta, cada um fica no seu canto, é bem mais tranquilo. Eu prefiro estudar aqui do que lá, gosto de vir pra escola, aqui é bom. As professoras daqui são incríveis, tenho muitos amigos aqui. E muita gente que estuda em uma escola do centro reclama que lá o ensino não é tão bom, que decaiu bastante, e que prefere muito mais aqui do que lá, porque lá eles só mexem no celular; aqui os professores ensinam tudo pra gente, acho que eles viriam pra cá. Às vezes eles (que estudam na cidade) não têm o mesmo conteúdo, eles podem mexer no celular o tempo inteiro. Eu acho bom aqui, presto mais atenção na aula, as pessoas aqui da escola são incríveis, os alunos são bem educados”* (Ana, moradora do centro).

A fala da garota ilustra como a busca de meios alternativos de vida no campo se sustenta, também, por valores relacionados à procura da proximidade com a natureza e a simplicidade, vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito contaminados pela sociedade industrial, fazendo com que o campo passe a ser reconhecido como lugar de lazer e moradia (Carneiro, 1998). Assim, além da boa qualidade de ensino e os bons professores (“*aqui os professores ensinam tudo pra gente*”), há a beleza da paisagem (“*a paisagem é diferente, mais bonita*”) e a tranquilidade do campo (“*é bem mais tranquilo*”) influenciando na boa relação de Ana com o campo e com a escola, aspectos com potenciais para que alunos do centro queiram ir para a instituição rural.

As condições voltadas aos bons relacionamentos na escola também foram citados por outros entrevistados, como é o caso de Júlia:

*“Vim pra cá no quinto ano porque não me adaptei em outras escolas. A que eu mais gostei de estudar foi aqui, porque aqui eu me adaptei, fiz mais amigos. Aqui é mais certinho, prefiro as professoras daqui, elas são legais”* (Júlia, moradora do centro).

A escola do campo, para Júlia, foi importante no seu processo de adaptação escolar, sendo um lugar onde ela, além de encontrar boas professoras, conseguiu ter melhores relações com seus colegas, oportunizando a criação de novas amizades. Além disso, volta a questão da

maior disciplina (*“aqui é mais certinho”*), vista positivamente pelos alunos e seus familiares, principalmente entre os que encontraram dificuldades de socialização em outras escolas.

Para a família de Pedro, a qualidade do ensino também foi uma condição levada em conta na decisão de colocar os filhos na escola rural:

*“Já estudei em uma escola do centro, gostava de estudar lá, mas a escola lá ia só até o quinto ano e me mudei pra cá. Minha irmã também estuda aqui, a mãe achou a escola boa”* (Pedro, morador do centro).

Mesmo a escola anterior só comportando até o quinto ano do Ensino Fundamental, a vontade de matricular André junto a sua irmã, de 9 anos de idade, na instituição do campo se deu, justamente, por a considerarem uma boa escola.

A partir das entrevistas dos moradores do centro de Siderópolis, verifica-se que a escola do campo é tida por eles como uma instituição de qualidade superior. Porém, é interessante voltar aos dados do Ideb da escola, comparando-os com o das instituições que ficam no centro, para perceber se o bom ensino que os estudantes se referem estão relacionados com o bom desempenho escolar, tendo em vista que, historicamente, as escolas rurais possuem certa defasagem comparadas com as urbanas. Os dados mostram que a escola rural possui Ideb de 5,3 pontos nas turmas de Anos Finais, sendo que as outras escolas da cidade que ofertam esse nível de ensino possuem Ideb de 6,3 pontos (uma escola municipal) e 4,5 pontos (em uma escola estadual). Então, a instituição do campo possui nota de desempenho melhor que a escola estadual, mas pior que a municipal nos Anos Finais. Isso mostra que a qualidade citada pelos entrevistados pode não estar diretamente associada à promoção de melhor desempenho em notas dos alunos, mas sim, justamente, ao processo de socialização e adaptação disciplinar positiva frente às outras.

Entre as funções sociais específicas da escola, a socialização e a convivência social se tornam fundamentais, visto que a constituição da mesma sob o princípio do conhecimento passa a dar lugar a uma orientação voltada ao princípio da socialidade (Miranda, 2005). Ou seja, ela está situada em um tempo e espaço que são destinados à convivência dos alunos. De fato, a escola rural é vista pelos moradores do centro e do campo de Siderópolis como um lugar que proporciona boas convivências entre a comunidade escolar, onde os alunos conseguem se manter centrados nos estudos a partir da motivação das professoras e se relacionar amigavelmente com os colegas de classe.

Além da relação com a escola que estudam, durante a entrevista os jovens enfatizaram o contato com os estudantes de outras instituições, sejam elas do centro de Siderópolis ou de Criciúma. Analisar a convivência dos estudantes do campo com os colegas de outras escolas é fundamental, tendo em vista que o jovem rural, por vezes, vê-se estigmatizado em comparação aos que vivem na cidade, por conta da valorização dada ao mundo urbano, sendo que ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social (Kummer, Colognese, 2013). Porém, durante as conversas, evidenciou-se que os estudantes rurais, moradores ou não do campo, não percebem grandes diferenças com os que estudam no centro da cidade ou no município vizinho, como ilustram as falas de Guilherme, João e André, residentes do campo:

*“Não sei bem a diferença entre os alunos daqui e os do centro. Minha irmã não gostava de estudar lá porque os professores faltavam muito” (Guilherme, morador do campo).*

*“Eu gosto, as pessoas nunca falaram mal por eu morar aqui. Os alunos daqui eu conheço a mais tempo, mas não vejo muita diferença entre os alunos daqui e os de lá” (João, morador do campo).*

*“Meus amigos do centro não falam nada de eu estudar aqui, me sinto normal estudando aqui, mas em Criciúma tem mais pessoas” (André, morador do campo).*

Entre os moradores do centro da cidade, as falas seguiram-se:

*“Tenho uns dois, três amigos que estudam em Criciúma, eles gostam de estudar lá. Eles são de boa, não falam nada de eu estudar aqui, eu não vejo diferença entre quem é de lá e quem é daqui” (Pedro, morador do centro).*

Novamente, eles não percebem diferenças nos comportamentos e formas de tratamentos e visões entre os estudantes do centro e da zona rural. A diferença entre os estudantes rurais que moram no centro se relaciona com a distância entre o urbano e o rural, como cita Júlia:

*“Meus amigos falam que é longe estudar aqui” (Júlia, moradora do centro).*

Mesmo os amigos da cidade alegando a distância do campo, isso não configura um problema para os entrevistados, visto que as boas características da escola superam o afastamento do meio urbano, além de terem transporte escolar gratuito para ir até a instituição. Além do mais, o fato de não sofrerem com estigmas típicos de jovens rurais, muitas vezes considerados “atrasados”, “roceiros” (Castro, 2009), pode se dar por viverem em um município o qual a zona urbana não configura aspectos das grandes cidades e, ainda, serem jovens adeptos da mobilidade e do frequente trânsito e diálogo com a cidade (Valadares et. al, 2016). A locomoção, além de acontecer diariamente com os moradores do centro, que não estão inseridos no trabalho agrícola mas estudam no campo, também acontece com frequência entre os jovens moradores do campo e pertencentes à famílias de agricultores, como são os casos de Guilherme e João, que vão até a cidade com a família:

*“As vezes vou passear no centro da cidade, de carro” (Guilherme, morador do campo).*

*“Costumo ir pra praça (centro da cidade), vou pra Criciúma com a minha família, pra ir pro shopping, no geral é isso. Eu gosto de ir, vou de carro com meus pais” (João, morador do campo).*

Além de irem tanto para o centro de Siderópolis quanto para Criciúma, seja para frequentar estabelecimentos ou para passeio, os garotos também estão conectados com familiares e amigos que moram nessas regiões, aumentando a mobilidade entre campo e cidade.

Outro fator a ser analisado relacionado com a escola, é a vontade dos estudantes em continuar os estudos ao finalizar o Ensino Fundamental, além das perspectivas que possuem para o futuro após a escola básica. Então, um dos questionamentos levou em consideração o desejo de seguir em uma escola de Siderópolis ou ir para outra cidade, como Criciúma, e quais os motivos os levam a essa vontade. Como visto anteriormente, a maior parte dos pais dos entrevistados possui baixa escolaridade, e incentivam os filhos a continuarem com os estudos, quebrando com a tendência familiar. Além disso, a escola do campo é elogiada pelos estudantes, fator que pode estimular a permanência na zona rural.

Entre os moradores do campo, viu-se que Guilherme é incentivado a estudar em uma escola agrícola de Santa Rosa do Sul, município catarinense com 9.792 habitantes, de acordo com o Censo de 2022, e fica a cerca de 80 km de distância de Siderópolis. Ainda, Santa Rosa Do sul possui 5.990 estabelecimentos agropecuários (Censo Agropecuário, 2017), e tem a

fabricação de peças, máquinas e implementos agrícolas como principal atividade econômica. Ou seja, o município, mesmo com menor número de habitantes, possui mais estabelecimentos agrícolas e tem no agronegócio a maior fonte de renda, representando, caso o garoto comece a estudar na cidade, uma migração para um local com a ruralidade presente, e não para uma área mais urbanizada.

A escola referida por Guilherme é o Instituto Federal sediado no município e consta com os cursos superiores de Bacharelado em Zootecnia e em Engenharia Agrônômica, além do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, que o pai do rapaz o incentiva a cursar. O jovem diz ainda não saber o que cursar na faculdade, mas é motivado a continuar em uma escola técnica voltada para a agropecuária, possibilitando o aprimoramento de técnicas para aplicar na propriedade dos pais, que trabalham com hortaliças, ou continuar trabalhando na área, mas em outro segmento e/ou região.

Outro morador do campo é João, que ainda não decidiu a instituição que irá estudar, mas não tem vontade de sair do município para concluir o Ensino Médio:

*“Em Siderópolis é mais fácil, de transporte. Mesmo se fosse mais fácil ir até Criciúma, eu ia preferir ficar por aqui, que tem meus amigos. Quando terminar a escola quero fazer Engenharia Mecânica, gosto de mexer com moto ” (João, morador do campo).*

O que leva o rapaz a continuar em Siderópolis é, essencialmente, o contato com os amigos da cidade e, embora os pais trabalhem no campo, João não tem vontade de seguir por esse caminho, mesmo continuando a morar no município. O garoto demonstra grande interesse em trabalhar na área da Mecânica, seguindo os passos de seus tios:

*“Meus tios nasceram todos aqui. Mas tenho três tios que moram em Criciúma e três em Itajaí. Se mudaram porque fizeram curso, dois tem mecânica de carro, outro uma chapeação, outro uma lavação de carro, acharam melhor se mudar pra lá” (João, morador do campo).*

Percebe-se que os tios do rapaz mudaram-se do campo por conta da formação profissional, não correspondente à atividade agrícola. Porém, ao questionar se João também sairia da cidade para trabalhar, ele responde que gosta de morar em Siderópolis e não tem a perspectiva de se mudar, mas quer ter sua própria mecânica no lugar mais viável para o trabalho.



André, o garoto que se mudou recentemente para a zona rural, também tem vontade de trabalhar com mecânica, e visa fazer um curso técnico em Criciúma, junto ao Ensino Médio:

*“Quero fazer o Ensino Médio em Criciúma, fazer Técnico em Mecânica. Eu quero fazer o curso lá e abrir uma oficina aqui ou lá, onde der. Mas se fosse pra escolher eu escolheria abrir a mecânica lá, porque tem mais gente, e moraria aqui, iria todo dia pra lá. Eu gosto mais do interior, gosto de laçar e essas coisas” (André, morador do campo).*

O rapaz pretende abrir sua própria mecânica também no lugar com maior viabilidade e, mesmo que isso signifique trabalhar em Criciúma, o gosto pelo interior prevalece, sendo a zona rural o lugar prioritário para moradia.

Entre os moradores do campo, percebe-se que mesmo com o estudo ou trabalho em outra localidade, o vínculo com o rural não se perde, seja pela permanência no município enquanto moradia ou pelo interesse de continuar em atividades agrícolas.

Já entre os moradores do centro, Ana já está no processo de decidir a instituição que irá concluir o Ensino Médio, e conversa com os pais sobre o futuro escolar e profissional:

*“Quero fazer o Ensino Médio em Criciúma, tenho duas opções de escolas, e meus pais me apoiam. Na faculdade quero fazer direito, eu acho muito legal, desde pequena vejo caso criminal com minha mãe, daí surgiu essa vontade de ser advogada. Acho que pretendo ficar em Siderópolis, aqui é muito bom, em Criciúma é muito agitado, aqui é bem mais tranquilo” (Ana, moradora do centro).*

A garota trabalha como secretária em um escritório de advocacia no centro de Siderópolis, e pretende continuar nesse rumo profissional. Além disso, mesmo trabalhando e estudando nas áreas urbanas, Ana vê o campo como potencial local de moradia, tendo em vista a tranquilidade que a região proporciona. Agora Júlia, ao contrário de Ana, ainda não sabe onde terminar os estudos e nem que curso fazer na faculdade, mas demonstra o interesse em permanecer em Siderópolis:

*“Ainda não sei onde vou fazer o Ensino Médio, mas tenho vontade de ficar aqui. Tenho medo de ir pra Criciúma, de me perder, lá é muito puxado. Por enquanto não pensei em que faculdade quero fazer” (Júlia, moradora do centro).*

O medo do choque de ir para Criciúma também afeta Pedro, embora ele tenha decidido, junto aos pais, concluir o Ensino Médio na cidade, visando novas relações pessoais:

*“Aqui acho que os alunos são mais de boa, em Criciúma acho que vou me perder (risos). Meus pais querem me colocar lá, se não fosse lá ia ser em uma escola do centro de Siderópolis, mas eu prefiro lá, acho que vai ser legal estudar em Criciúma, conhecer pessoas novas” (Pedro, morador do centro).*

A instituição de Criciúma é vista por Pedro como um lugar que proporcionará contato com novos amigos, atribuindo novamente a socialização ao papel da escola e, mesmo com o possível estranhamento de ir para um novo lugar, o menino está animado para as futuras vivências.

Assim, há a percepção, entre os moradores do centro, da cidade de Criciúma como mais agitada comparada à Siderópolis, ilustrando que o município de origem não configura grandes experiências urbanas, e possui características dada por eles voltadas à tranquilidade e segurança. Isso causa efeito na decisão de permanecer na pequena cidade para estudar ou na percepção do impacto das relações pessoais proporcionada pela mudança para uma instituição cricumense.

Zago (2016) ilustra que a transferência dos jovens de uma escola localizada no meio rural para outra do meio urbano certamente produz novas experiências sociais e culturais e pode ampliar o campo de interesse para outros horizontes de possibilidades, mas isso não parece ser um fator determinante para migração, já que eles circulam entre campo e cidade, possibilitando a ampliação de seus círculos de relações sociais (Brumer, 2007) sem perder o vínculo com o atual lugar de moradia, como ilustrado nas entrevistas, as quais os estudantes estudariam em outras regiões, mas continuariam a morar no campo e na pequena cidade. Assim, para perceber como os jovens se relacionam com o campo e com a cidade para além das questões educacionais, questionou-se sobre seus momentos de lazer e trabalho, percebendo o vínculo com o rural da rotina dos estudantes para além da escola.

## **O Lazer**

A relação dos jovens do campo com o tempo livre pesa na definição de suas identidades rurais, visto que, em alguns casos, eles encontram em uma atividade por vezes

considerada agrícola e profissional em determinado contexto, elementos geralmente procurados em atividades culturais (Chauveau, Stropasolas, 2016). O acesso ao lazer influencia suas trajetórias e motiva a permanecer no campo, como também estimula a busca desse acesso na cidade.

Por isso, outra pergunta feita aos entrevistados voltou-se às suas realizações em momentos de lazer, e se essas atividades no tempo livre envolvem o meio rural ou não. Entre os estudantes moradores do campo, percebeu-se que, mesmo indo ao centro ou a Criciúma em alguns momentos, fora da escola eles continuam se reunindo com os amigos do campo na maior parte das vezes:

*“Às vezes vou na casa dos meus primos, às vezes fico dentro de casa. A gente pega a bicicleta e vai um na casa do outro. Às vezes vou passear no centro da cidade, de carro. Eu não costumo ir pra Criciúma, não tenho vontade” (Guilherme, morador do campo).*

Nos momentos de lazer, Guilherme permanece em casa ou vai até a casa de seus primos, também residentes da zona rural, e pouco vai até a cidade maior. Mesmo com a distância entre a zona rural e a urbana, não é a falta de meio de locomoção que impede o rapaz de ir até a cidade vizinha, mas sim o desinteresse pelo passeio no meio urbano. A situação é parecida com a de João:

*“Gosto de andar de bicicleta, jogar futebol, vôlei, andar de moto né, porque eu tenho uma moto de trilha... e gosto de sair com meus amigos também. A gente fica mais por aqui, se reúne por aqui, já tem uma quadra, um campo de futebol, isso é bom, é o que eu gosto de fazer” (João, morador do campo).*

O garoto também se reúne com os amigos do campo, e ficam juntos na localidade. Além disso, João cita a existência de uma quadra de esportes na região, fundamental nas reuniões entre os jovens da zona rural, que costumam usá-la para jogar vôlei e futebol. E André, mesmo se mudado recentemente para o campo, também costuma permanecer na região no seu tempo livre:

*“Eu durmo, eu chego em casa e durmo. Estudar só a noite. Fim de semana eu laço, ando de bike aqui, de vez em quando eu vou pro centro” (André, morador do campo).*

É interessante perceber como as atividades de lazer dos moradores do campo envolvem o meio camponês, contribuindo na construção da identidade rural, seja por andar de bicicleta com os amigos da região, frequentar a quadra de esportes ou, até mesmo, laçar. A situação muda nos relatos dos moradores do centro, os quais possuem maior vínculo em atividades citadinas, como mostra Ana:

*“Eu jogo vôlei, lá no centro, ou vou com as meninas na casa uma da outra, ou a gente vai no shopping. Meus amigos são mais de lá, a gente gosta de ficar em Siderópolis ou ir pra Criciúma. Quando vamos pra lá, vamos com o pai de alguma amiga” (Ana, moradora do centro).*

A menina, diferente dos colegas que vivem no campo, além de trabalhar no centro, também costuma vivenciar momentos de lazer na região central e, quando deseja ir até a cidade vizinha, geralmente para frequentar o shopping com as amigas, locomove-se de carro, com os pais das colegas na direção. Assim como ela, Júlia também costuma ficar no centro da cidade, mas pouco vai até Criciúma em seu tempo livre:

*“Geralmente eu fico no centro, com meus amigos de lá. Só vou pra Criciúma quando tem alguma coisa pra resolver. No final de semana eu fico com meu namorado, que é do centro também, ele estuda lá e trabalha num pet shop de lá” (Júlia, moradora do centro).*

Para ela, Criciúma é um local para ir quando há a necessidade de “resolver alguma coisa”, como consultas médicas e compras em supermercados, e os momentos de lazer acontecem no centro de Siderópolis, junto ao namorado. Já Pedro, diferente das colegas que também moram no centro, além de ocupar suas horas livres na região, gosta de atividades típicas do campo:

*“Eu treino vôlei em uma escolinha do centro, por lazer mesmo, não quero ser jogador. E eu costumo andar de cavalo no final de semana” (Pedro, morador do centro).*

Diferente dos moradores do campo, os jovens que residem no centro costumam permanecer na zona urbana da cidade, além de irem até o município vizinho para realizar atividades citadinas - como ir ao shopping - com mais frequência. As falas ilustram a dinamização das relações estabelecidas entre esses jovens nas relações estabelecidas entre o

rural e o urbano nas pequenas cidades, e trazem significado ao espaço rural e à construção da ruralidade dos jovens camponeses (Chauveau, Stropasolas, 2016). Além do lazer, o trabalho é outro aspecto que molda a identidade dos jovens e influência na sua relação com o campo e com o êxodo rural, presente em questionamentos da entrevista.

## **O Trabalho e O Futuro**

Pesquisas sobre o êxodo rural mostram como o jovem do campo enfrenta novas dinâmicas no mundo do trabalho, não aceitando mais o lugar de “ajudante familiar” que sempre lhe foi imposto, motivando a ida para a cidade em busca de novos ofícios, principalmente entre as mulheres e os não determinados à sucessão familiar do trabalho rural (Kummer, Colognese, 2013; Carmo, 2009; Ferrari, 2004; Dos Santos, 2019). Assim, uma das perguntas fundamentais da pesquisa esteve relacionada às perspectivas dos jovens para o futuro profissional, além da relação com o trabalho no campo e como isso influencia na vontade de permanecer ou sair do meio rural.

Entretanto, antes de perceber os projetos futuros, é importante destacar como é a relação desses jovens com seus trabalhos atuais, tendo em vista que alguns dos entrevistados já estão inseridos em determinadas atividades, sejam elas envolvendo a agricultura ou não.

Entre os moradores do campo, as famílias de Guilherme e João possuem o trabalho agrícola como atividade econômica, possibilitando a análise das questões anteriormente citadas voltadas à sucessão familiar na agricultura, com a vontade ou não de permanecer no trabalho rural.

Guilherme, cujo os pais trabalham com o cultivo de hortaliças, quer fazer faculdade, mas ainda não tem um curso em mente. Atualmente, ele ajuda no trabalho da família:

*“Eu ajudo mais ou menos, às vezes, final de semana. Não quero sair daqui porque eu gosto dos animais. Tenho cavalo, porco, galinha, vaca, coelho. Ajudo a cuidar deles” (Guilherme, morador do campo).*

Além de ser incentivado a estudar em uma escola agrícola, o garoto gosta de ajudar a família no trabalho rural, e pretende permanecer no campo para continuar neste caminho, com o aprimoramento de aprendizados proporcionados pelo curso técnico, esclarecendo as exigências educacionais para exercer a profissão agropecuária das novas gerações, em contraste com a situação dos atuais responsáveis pelo estabelecimento, cujo o nível

educacional é precário (Abramovay, 2001). Ademais, vale lembrar que sua irmã está na faculdade de contabilidade, e tem o apoio da família para trabalhar na área, evidenciando as relações de gênero estabelecidas na sucessão familiar da agricultura.

Porém, de maneira oposta a Guilherme, João, cujo os pais possuem um aviário, não deseja seguir com o trabalho agropecuário da família:

*“Ah, eu ajudo meu pai às vezes. Eu não gosto tanto, não pretendo seguir esse rumo, mas quando precisa eu ajudo. Não sei porque não gosto, mas nunca peguei prazer. Quando ele pede ajuda eu vou, mas ele sempre fala que é melhor eu fazer uma faculdade, meu irmão que gosta de ajudar, fez um aviário pra ele” (João, morador do campo).*

O trabalho já recebeu o irmão mais velho como sucessor, o qual sempre gostou de ajudar e, além de colaborar com o aviário dos pais, agora possui o próprio estabelecimento. E João, que nunca teve prazer em ajudar e auxilia apenas quando necessário, pretende seguir a carreira de mecânico:

*“Eu quero ter minha própria mecânica [aqui ou em outro lugar?] onde eu conseguir, pra mim eu prefiro aqui porque é mais calmo, é mais livre. Gosto de morar aqui, nunca tive a experiência de morar no centro, mas gosto de morar aqui porque me sinto mais livre” (João, morador do campo).*

Mesmo existindo a pretensão de seguir uma profissão não referente à agropecuária, o garoto sente vontade de continuar morando no campo, pela liberdade sentida ao viver na região. Essa situação elucida o alargamento do mundo cultural vivenciado pela juventude rural, visto as dimensões simbólicas refletidas no imaginário dos jovens, que almejam extrair possibilidades tanto das vivências do campo quanto da cidade (Dos Santos, 2019). Mesmo que João venha a considerar mais vantajoso trabalhar na cidade e precise se deslocar diariamente para o local de trabalho, a calma do campo torna a zona rural um lugar propenso à moradia. A situação é semelhante a de André, atualmente morador do campo junto ao irmão, mas ajudante no trabalho da hamburgueria da mãe e do padrasto, que fica no centro:

*“Gosto de trabalhar lá. Quem trabalha aqui é porque gosta, as pessoas que voltam, é porque é mais calmo. Aqui eu me sinto mais seguro” (André, morador do campo).*

O menino não vê problemas em ajudar na hamburgueria, mas tem como projeto para o futuro abrir uma mecânica depois de fazer um curso, como já dito anteriormente. Ele vê o trabalho como mecânico sendo mais proveitoso na cidade (*“lá tem mais gente”*), porém, sente vontade de continuar morando na zona rural (*“[...] moraria aqui, iria todo dia pra lá. Eu gosto mais do interior, gosto de laçar e essas coisas”*).

Os casos de João e de André revelam como as transformações recentes fazem um rural cada vez mais heterogêneo e não exclusivamente agrícola, e dilui fronteiras entre o campo e a cidade (Puntel, Paiva, Ramos, 2011). A zona rural, mesmo não estando na perspectiva profissional, é tida por esses jovens como um lugar de moradia, por conta da oferta de tranquilidade, calma e estabilidade de paz entre interior e natureza (Carneiro, 2007). Esse fenômeno não foi observado apenas entre os moradores do campo com o desejo de trabalhar na cidade, mas de permanecer morando na zona rural, já que os entrevistados do centro também mostraram interesse em morar na roça, mesmo com as perspectivas profissionais voltadas a empregos citadinos, como exposto nas falas de Ana, que atualmente é secretária em um escritório de advocacia e quer se tornar advogada:

*“Eu moraria aqui, é tão calmo, não tem barulho, poluição. Acho que as pessoas se mudam daqui por causa do trabalho. Aqui, pra quem não trabalha no campo, é muito mais longe. Meus pais acho que não morariam aqui, eles gostam de agito às vezes, e é longe do trabalho deles, e aqui é bem mais calmo”* (Ana, moradora do centro).

A garota, mesmo atualmente morando e trabalhando no centro de Siderópolis, alega a vontade de, futuramente, mudar-se para a zona rural, também motivada pela tranquilidade da região. A situação se repete nas respostas de Júlia, que atualmente não trabalha e ainda não pensou em qual curso da graduação seguir, mas tem o sonho de ser caminhoneira:

*“Eu viria morar aqui no campo, acho legal, tem paz. Acho que as pessoas que saem daqui, saem porque acham longe. As pessoas que voltam, acho que é porque acham a cidade muito barulhenta”* (Júlia, moradora do centro).

Novamente, a vontade de morar no campo se dá pela paz por ele proporcionada, sendo, de acordo com Júlia, o barulho da cidade um dos motivos os quais levariam as pessoas a se mudarem para a zona rural, mesmo esse não sendo seu local de trabalho. A separação

entre o lugar de moradia e o lugar de exercer a atividade profissional contribui para o aumento da mobilidade espacial, manifestada diariamente por esses agentes (Carmo, 2009). Entretanto, a distância entre o campo e outros estabelecimentos do centro da cidade e de Criciúma, é citado por Pedro, estudante que não trabalha e pretende começar um técnico em mecânica, mas tem vontade de ser policial, como um dos motivos que levam ao êxodo rural:

*“Eu não moraria aqui no campo porque é mais afastado, fica longe de tudo” (Pedro, morador do centro).*

Porém, mesmo a distância da zona rural para outros lugares sendo um empecilho para morar no campo, o garoto gosta de morar no centro de Siderópolis, considerado por ele um lugar mais tranquilo comparado à Criciúma, por exemplo:

*“Eu continuaria aqui em Siderópolis, gosto de morar aqui, em Criciúma é muita correria, acho que as pessoas saem daqui por causa do trabalho, e voltam quando não conseguem o trabalho. Eu queria morar em outro lugar por um tempo por causa da oportunidade de trabalho. Minha vontade é ir pra fora do Brasil, pro Canadá, desde pequeno eu falo pros meus pais, eles me incentivam. Lá eu quero trabalhar. O lugar é diferente, é mais frio, quero conhecer a neve, quero ficar uns dois ou três anos. Meus pais querem ir também, mas não sei se eles vão, porque tem medo de avião” (Pedro, morador do centro).*

Mesmo o garoto não cobiçando o campo como local de residência, a pequena cidade é um lugar aconchegante e tranquilo para ele, que não se mudaria de maneira definitiva de Siderópolis, mesmo sentindo vontade, desde criança, de conhecer o Canadá e morar no país por um tempo, para trabalhar e conquistar novas experiências.

Ao pensar sobre o futuro, a juventude compara, por meio de uma série de condições sociais e econômicas, as dinâmicas de vida no campo com as possibilidades apresentadas pela vivência na cidade (Brumer, 2007). As perspectivas de trabalho são vistas como essenciais nas decisões de sair ou ficar no campo, já que, com exceção de Guilherme, que pretende continuar com o trabalho na agricultura dos pais, os jovens com o desejo de permanecer no campo - ou com a vontade de sair do centro e passar a morar na zona rural - não veem o campo como local de atividade profissional, mas sim como um ambiente de segurança e tranquilidade para residir, sendo essas características as principais responsáveis pela vontade de continuar ou passar a residir no campo.



## **Sair ou Permanecer?**

O desejo de ficar ou de sair do campo exige uma análise mais complexa, para além da simples atração pela cidade, e remete à observação da juventude rural como uma categoria acompanhante das transformações da realidade do campo (Castro, 2009). Durante a pesquisa, percebeu-se que os jovens estudantes rurais de Siderópolis, pequeno município sul catarinense, embora não desejem o trabalho agropecuário no futuro profissional, elogiam a atual escola e, mesmo os que irão frequentar o ensino médio em Criciúma, cidade com mais características urbanas, veem a zona rural como potencial local de moradia, devido sua segurança e tranquilidade. Para esses jovens, a cidade grande pode oferecer maiores oportunidades profissionais, mas isso não significa a necessidade de migração, sendo preferível a circulação cotidiana entre cidade e campo para satisfazer as necessidades econômicas.

Entre os moradores do campo, Guilherme é incentivado a realizar um curso técnico voltado para a agricultura em outro município, mas deseja voltar para continuar com o trabalho dos pais na agricultura. João concluirá o Ensino Médio em Siderópolis e André terminará a escola junto a um curso técnico em Criciúma, eles não se projetam no trabalho rural, mas pretendem continuar morando na zona rural pela liberdade que esta proporciona.

Agora, em relação aos moradores do centro de Siderópolis, Júlia irá terminar o Ensino Médio em Criciúma e Ana sente vontade de continuar na pequena cidade, e as duas observam o campo como um lugar calmo e tranquilo, tornando-o um potencial local de moradia. Já Pedro, que também terminará a escola junto a um curso técnico em Criciúma, não se mudaria para o campo, mas sente vontade de continuar morando em Siderópolis, mesmo com a aspiração de passar alguns anos no Canadá, para trabalhar e conquistar experiências.

Há, entre os jovens estudantes do contexto analisado, a viabilidade da circulação entre o campo e a cidade, possibilitando a ampliação dos círculos de relações sociais (Brumer, 2007), sem a perda da oportunidade de morar na zona rural. A decisão de ficar ou sair, combinando o “melhor dos dois mundos”, não depende de maneira exclusiva das vontades dos jovens, pois as condições materiais, a autonomia e o emprego proporcionador da realização de seus projetos profissionais influenciam primordialmente na realização de seus desejos (Carneiro, 2007). Porém, analisar os anseios desses jovens oportuniza a compreensão da relação deles com o campo, com a escola a qual estudam, com o que querem estudar e com seus planos para o futuro, além da influência das relações familiares nessas condições.

É interessante pensar em como a escola rural é vista pelos estudantes como uma instituição boa, não necessariamente pela questão de ensino, mas principalmente pela disciplina, organização e relações sociais agradáveis e seguras presentes nela, motivando os pais a matricularem seus filhos numa escola onde, para os moradores do centro, situa-se mais distante de casa. Também relacionado à educação, percebeu-se que os pais dos entrevistados, em grande maioria, possuem baixa escolaridade, mas incentivam os filhos a concluírem o Ensino Médio e fazerem um curso técnico e/ou de graduação, quebrando com a tendência familiar.

Por fim, percebeu-se entre os jovens de Siderópolis a observação do campo e da pequena cidade como um local seguro e tranquilo para morar, características para eles essenciais ao se pensar o rural como local de residência, mesmo o centro da cidade e a cidade grande vindo a proporcionar melhores condições profissionais.

## CONCLUSÕES

É perceptível a heterogeneidade na construção da categoria “juventude”, e as particularidades presentes conforme o contexto a qual ela se insere, além dos múltiplos motivos que as levam a tomar determinadas decisões e almejem seus projetos de vida. Lahire, em sua teoria do Homem Plural (2002), demonstra como os agentes carregam consigo diferentes disposições, ativados em variados contextos, tornando fundamental analisar, durante as entrevistas desta pesquisa, as diversas motivações, em múltiplos universos sociais, que levam os jovens a desejarem sair ou permanecer no campo. Além do mais, os princípios socializadores, além de heterogêneos, também podem ser contraditórios, com o presente possuindo ainda mais peso que o passado para explicar os comportamentos desses atores plurais, de modo que o momento presente define o que pode ser atualizado do passado incorporado.

Assim, existem diversos determinantes com diferentes significados a influenciar as decisões tomadas pelos atores, intervindo na sua relação com a cidade e com o campo ao longo do tempo. O contexto da pesquisa demonstra uma juventude que vive em um município pequeno, visto que mesmo os moradores do centro possuem hábitos culturais, por vezes, voltados à vida rural, para além da escola (como o gosto pelo contato com a natureza e com os animais e os momentos de lazer a isso relacionados) e, embora os residentes do centro possuindo mais contato com a cidade maior do que os moradores do campo, há a preferência de ficar no pequeno município durante o tempo livre. Isso colabora para que os estudantes,

como relatado pelos mesmos, não sofrem com a estigmatização típica sofrida pelos jovens rurais no contato com os colegas de outras escolas, e nem observem diferenças aparentes com os alunos das instituições do centro, além de demonstrar a construção da ruralidade também presente nos períodos de lazer.

Mesmo sem enfrentar o estigma, o que diferencia a escola rural das escolas do centro é a maior segurança e a percepção dela como um lugar de socialização, onde se constroem vínculos com outros alunos e professores a partir da disciplina. Essas qualidades são vistas pelos estudantes como essenciais ao definir a boa qualidade da instituição rural, mais do que o bom desempenho em notas, por exemplo. Os alunos que permanecerão em Siderópolis para concluir o Ensino Médio são motivados pela proximidade com o local de moradia e o medo do choque de estudar em uma escola maior, com mais alunos, que a atual. Já os que desejam terminar o ensino básico em Criciúma, mesmo conscientes das mudanças (relatando o medo de se perder, por exemplo), almejam as escolas da cidade como aquelas proporcionadoras de novas relações interpessoais e qualificações profissionais. Vale lembrar que a decisão de qual escola cursar o Ensino Médio é tomada junto aos pais, que influenciam diretamente na relação dos jovens com o meio rural e com a educação, tanto pela escolha da instituição quanto pelo incentivo de continuar os estudos, quebrando com a tendência familiar de baixa escolarização.

Em relação ao trabalho, percebeu-se como a maioria dos jovens moradores da área rural não desejam continuar na agricultura, e os do centro não sentem vontade de ter o contato laboral com o campo. Entretanto, mesmo sem trabalhar na zona rural, os jovens relatam a vontade de permanecer morando na região, mesmo que exerçam atividades citadinas, preferindo se deslocar diariamente para a cidade, movidos pela tranquilidade e segurança proporcionados pelo ambiente rural. Isso transforma o campo em um local onde há a perspectiva de moradia, ilustrando a possibilidade do envelhecimento e masculinização no trabalho agrícola, mas sem afetar as outras vivências rurais da região.

Percebem-se múltiplas condições, como a família, a escola, os momentos de lazer e o trabalho influenciam na relação desses jovens com o campo e com a construção de suas ruralidades, intervindo nas vontades e nas decisões de onde construir o futuro, com a possibilidade de comportamentos heterogêneos conforme o espaço social a qual se inserem. Ao considerar a juventude como categoria socialmente construída, e as especificidades da juventude rural, compreendendo o jovem como um ator plural, é preciso estar atento para não cair no risco do “empirismo radical”, o qual captaria apenas uma pulverização de identidades, de papéis, de comportamentos, de ações e de reações sem nenhuma espécie de ligação entre

eles (Lahire, 2002). Então, percebe-se que a tranquilidade, a segurança e o contato com a natureza une os jovens do campo e os jovens do centro da pequena cidade, estudantes da escola rural, no desejo de permanecer morando na região, mesmo esta não se configurando no local de estudo e de futuro profissional.

Observar o campo como um lugar vivo, onde há possibilidade de morar com qualidade de vida, mesmo sem o envolvimento com o trabalho rural, certifica o fato de esses jovens contarem com a mobilidade crescente e transitarem com a cidade, reafirmando sua identidade de juventude do campo, e demonstrarem que a noção do “fim do rural” não leva em consideração o espaço de vivências singulares, constituído historicamente por dinâmicas internas e externas, sendo valorizado pelos jovens ali presentes (Valadares et. al, 2016). Assim, a juventude rural pode e deve ser vista como agente de transformação social e de resgate do campo a qual, mesmo com as alterações modernas, percebe o rural e a ruralidade como importantes na afirmação de sua identidade e de seu modo de vida.

Finalmente, ressalta-se que os diferentes esquemas de ação incorporados por esses atores no decorrer de suas experiências podem ser atualizados nos mesmos contextos sociais, visto a pluralidade dos hábitos e do que os desencadeiam dentro deste contexto (Lahire, 2002). Por isso, os desejos apresentados pelos jovens podem não significar realizações concretas, tendo em vista as projeções, realizações e atualizações de seus sonhos conforme a realidade a qual se encontram. Importa pensar como suas vontades preservam o rural enquanto lugar essencial na construção e idealização de suas jornadas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, 2001.

ALENTEJANO, P. R. **As relações cidade-campo no Brasil do século XXI**. Terra Livre, São Paulo, v.2, n.21, p. 25-39, jul/dez. 2003.

ANDRADE, Eliane Ribeiro; FARAH NETO, Miguel. Juventudes e trajetórias escolares: conquistando o direito à educação. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, p. 55-78, 2007.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2007.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2021**.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 35-51, 2007.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112 - 121, 1983.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis, Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. **Escritos de educação**, v. 3, p. 31-38, 1998.

BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. **Revista de sociologia e política**, 2006, p. 83-92.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa; CORRÊA, Walquíria Kruger. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo: **Revista de geografia agrária**, v. 3, n. 5, p. 214-242, 2008.

CARMO, Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**: 252-280. 2009

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 243-62, 2005.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos sociedade e agricultura**, 1998.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.. 2005. 444 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DE CASTRO, Elisa Guaraná et al. **Os jovens estão indo embora?**: juventude rural e a construção de um ator político. Mauad Editora Ltda, 2019.

CHAUVEAU, Hélène; STROPASOLAS, Valmir Luiz. Práticas culturais e lazer da juventude rural nas recomposições territoriais das ruralidades de três territórios do Sul do Brasil. **Povos do campo, educação e natureza**. 1ed. Lages: Grafine, v. 1, p. 129-142, 2016.

SANTOS, Arthur Saldanha dos. Condições das juventudes rurais na contemporaneidade: da migração às políticas públicas. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da Ufrpe**, Recife, v. 1, n. 14, p. 54-74, jan. 2019.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes**: pelos outros e por elas mesmas. UNESCO Brasil, 2008.

FERRARI, Dilvan Luiz et al. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir?. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 237-271, 2004.


GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Velhos e novos mitos do rural brasileiro**. Estudos Avançados, São Paulo, v.l. 15, n. 43, p. 43-50, 2001.

GRACINDO, R. V. ; AGUIAR, M. ; OLIVEIRA, D. A. ; CUNHA, M. I. ; DOURADO, L. ; CATANI, A. ; PAIVA, Olgamir Amância Ferreira ; OLIVEIRA, R. P. . **Ensino Fundamental**. MG: UFMG, 2010. .

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Paco Editorial, 2017.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

IBGE.  Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 dez. 2022

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. **Juventude rural no Brasil**: entre ficar e partir. Tempo da Ciência, v. 20, n. 39, p. 201-220, 2013.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes Editora, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações.** In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). Mannheim. Col. Os Grandes Cientistas Sociais, n. 25. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra Livre. São Paulo, v. 2, n. 19, jul/dez. p. 95-112, 2002.

MIRANDA, Marília Gouvea de. **Sobre tempos e espaços da escola:** do princípio do conhecimento ao princípio da socialidade. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 639-651, mai./ago. 2005.

Panzutti, Nilce da Penha Migueles. **Mulher rural:** eminência oculta. Informações Econômicas, SP, 26 (3): 9-23, março 1996.

PUNTEL, Jovani Augusto; PAIVA, Carlos Águedo Nagel; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. In: CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO, 2., 2011, Brasília. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos.** Brasília: Ipea, p. 1-20, 2011.

VALADARES, Alexandre Arbex et al. Os significados da permanência no campo: vozes da juventude rural organizada. In: SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa (org.). **Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas.** Brasília: Ipea, p. 59-94, 2016.

WANDERLEY, M. N. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas:** o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 15, p. 87-145, out. 2000.

ZAGO, NADIR. **Migração rural-urbana, juventude e ensino superior.** Revista brasileira de educação, v. 21, p. 61-78, 2016.